

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
—  
APARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Nota pittoresca destes assombrosos dias de displicencia de caracter tem sido a lamuria dos accionistas do Banco da Republica, fingindo-se surprehendidos de se acharem roubados, de verem lesados os sacratissimos interesses das viúvas, dos orphãos, dos interdictos, de grande parte das economias do patrimonio nacional, confiadas áquelle estabelecimento de descredito, garantido pela honorabilidade do governo.

Os mandatarios dos ingenuos accionistas se fôram queixar ao ministro da Fazenda dos prejuizos causados pelas administrações officiaes, e o sr. Bulhões, que parece tomar a peito repetir com o Banco o milagre da phenix, resuscitando-o das cinzas atiradas aos olhos dos interessados, remetteu, muito serio, os queixosos ao presidente da Republica, como quem diz: vão-se queixar ao bispo.

O sr. Rodrigues Alves os ouviu com o inseparavel sorriso de meiguice ironica de quem não faz caso das misérias deste mundo, e prometeu fazer quanto estivesse nas suas debeis forças em beneficio dos miseros esfolados pelos Petersen e seus cumplices.

Dizem—disse o commendador Porto — que a escripturação do Banco da Republica contém paginas curiosas, nas quaes se reflecte, com uma nitidez hedionda, a psychologia de uma situação, cujo chefe foi ha bem pouco tempo comparado á mulher de Cezar.

O commendador Porto, num discurso de sensação, revelou a ueio coisas escandalosas, factos que, em outro qualquer paiz onde a moralidade administrativa não fôsse uma velharia irrisoria, provocariam um inquerito e a intervenção da justiça se esta não fôsse uma especie de Studart do poder; mas aquellas revelações apenas provocaram um ephemero movimento de indignação pela razão muito natural

de que ninguem se espanta, ninguem se commove com os velhos segredos desmoralizados, sóvados pela demasiada publicidade, segredos que sómente o são para os homens das altas regiões, cuja atmospheria atrophia os órgãos dos sentidos ou torna os homens de governo cegos e surdos voluntarios. De resto, parece que o pinaculo do poder publico assenta numa frisa erriçada de obstaculos, de poutas aceradas, para vedar o accesso á verdade, pobre velha tropega ha muito decaída de sua sublime classificação de virtude.

Nós, como toda gente ainda animada de vislumbres de esperança, estamos cançados de afirmar a honorabilidade pessoal do sr. Rodrigues Alves, mas somos forçados a reconhecer que s. ex., na alta função que exerce, não é a sombra do homem escrupuloso e recto em todas as relações da vida privada e social. S. ex., como chefe do governo, não está para maçadas, sobram-lhe cacetadas, como essa que diariamente recebe de deputados e senadores, uma especie de massagem politica para lhe abrir o apetite para o almoço, e por excessivo amor á sua tranquillidade de espirito, fecha ouvidos inexoraveis a todos os clamores que ouzam subir á eminencia da sua bemaventurada paz de burguez apatacado, farto de dinheiro, farto de posições, sobrecarregado de honras, asphyxiado de engrossamento.

Era muito natural, como satisfação á moralidade publica, se abrissem a um exame leal e severo as folhas dos livros do Banco da Republica, para virem á luz os factos indecorosos, as tratantadas, os favores, as prodigalidades, os mimos feitos com o dinheiro alheio, conforme se assoalha sem reboço, ou para que ficasse definitivamente esmagada a obra da protervia, provando-se que os mandatarios do governo, administrador do Banco pelo direito da força, exerceram santamente o seu mandato.

Todos se lembram que essa devassa já foi suggerida por uma deliberação da Camara dos deputados, mas os incumbidos desse processo depurativo esbarraram ante uma recusa formal, fundada em um certo artigo do Codigo Commercial e no sacratissimo segredo das transacções mercantis, segredo que foi, dessa vez, verdadeira alma do negocio, e no qual assenta solidamente o credito da praça.

Esse meticuloso escrupulo em recusar os livros bancarios á curiosidade dos representantes da Camara, denunciou haver allí dentro, como num antro de Caco, coisas incompativeis com a luz, coisas que estão sendo, agóra, sacadas, informes, aos pedaços, porque ninguem ouza affrontar, francamente, a situação e rasgar o véo das conveniencias, abrigo usual dos crimes, dos erros, das prevaricações dos correligionarios, dos amigos.

Essas conveniencias se traduzem em connivencia, em cumplicidade, ou numa tolerancia medrosa, acobardada, que se váe toruando a feição característica dos estadistas da Republica.

Mas, no caso do Banco da Republica, um balanço inexoravelmente verdadeiro será a condição essencial da sinceridade das vistas, dos planos de restauração empreheudido pelo governo.

Magôem-se, embóra, velhos callos empedernidos, avivem-se velhas ulceras, soffra quem errou, chore quem tem razão para isso, desmanchem-se apparencias hypocritas, revelem-se roedores silenciosos, que viveram pacatamente engordando dentro do grande e saboroso queijo; provoquesse, embóra, um escandalo colossal, desses que desancam a reputação de uma geração de servis: será medida salutar projectar os esplendores da verdade nesses refolhos escusos da escripturação daquelle instituto.

Para honra do governo, para real apreço do serviço que está tão empenhado em prestar ao credito nacional,

é imprescindível que elle diga ao povo:

—Vê em que estado lastimoso encontrei o Banco. Aqui estão as causas da constante perturbação das suas funcções. Aqui está o vestigio das prevaricações. Aqui estão os nomes dos prevaricadores.

Esse acto de abnegada fraqueza seria uma condição de saneamento radical, imprescindível para a reabilitação desse Banco, que está escalado para ser o instrumento da conversão do papel-moeda. Sem esse saneamento completo, elle ficará com os germens da decomposição, e não poderão cural-o dos achaques chronicos nem a sabedoria do sr. Bulhões, nem todo o dinheiro canalizado da rua do Sacramento para aquellas arcas, feitas á maneira de mysteriosos funis para o desconhecido, como um colossal exgotto de bandalheiras.

\*  
\* \*

Mas o governo não fará isso, não praticará esse patriotico vasculhamento, porque perdeu o instincto da combatividade; está por tudo para evitar maçadas, escandalos, contrariedades e occasionar vexames aos amigos que o adoram.

O governo está numa crise de capitulações que nós chamaremos—faceis, para não empregarmos o aspero termo—indecorosas.

As duas capitulações recentes, ainda quentinhas, bastam para robustecer o nosso asserto.

Fez questão de vida e de morte da candidatura do honrado sr. Bernardino de Campos e capitulou, sem combate, deante da attitude do senador Pinheiro Machado, insurgido contra a intervenção do presidente da Republica no pleito da sua successão.

Empenhou-se para punir severamente os auctores do crime de 14 de novembro; andou chicanando no incidente da competencia de fôro; escolheu juizes militares a dois páusinhos; trancou, a sete chaves, todas as portas ao *habeas-corpus*; obteve tres estados de sitios, para, depois de fustigar a paciencia publica com um processo ridiculo, sem precedentes no repertorio de anedoctas judicarias, capitular deante da amnistia!

Esse Congresso sómente se pronunciou pela amnistia como se fôra um voto da opinião nacional, como se

fôra uma reparação de grandes violencias do poder, depois de verificar que o presidente da Republica perdera aquelle instincto de resistencia pela conservação do governo, da qual exhibira tão eloquente prova na memoravel, na drastica, na purgatoria noite de 14 de novembro.

Esses representantes da nação, que concederam ao governo repetidos estados de sitio, que lhe approvaram todos os actos, que regeitaram a denuncia do sr. Candido de Oliveira, passam, agóra, sobre os factos criminosos a misericordiosa esponja do olvido e se acham entre elles os mais intimos, os mais fieis amigos do governo.

A amnistia importa o reconhecimento posterior de justificativas da revolução gorada. Ella quer dizer que os revolucionarios agiram ao impulso de sentimentos superiores, talvez patrioticos, que lhes faltava o dólo culposo por obedecerem á convicção de estarem promovendo o bem da Republica, libertando-a de um governo divorciado da Constituição. De outro modo se não comprehende essa medida em contraste com a opinião da unanimidade, solemnemente pronunciada ha poucos dias, quando não chegára ainda ao termo o processo militar pendente. A capitulação do governo é um *penitet*.

O logar do sr. Rodrigues Alves não deveria ser mais alli, na curul presidencial, no dia em que a Camara approvou com uma grande maioria, quasi com a unanimidade esperada, o projecto do Senado; mas..

POJUCAN.

#### D. PEDRO I

Talvez não haja em toda a nossa historia politica um typo tão original e, por isso mesmo, tão interessante como o do primeiro Imperador. Quando a gente se lembra de d. João — o eterno simples, figura vaga, imprecisa, quasi negativa, e que, mesmo depois de exalçado ao throno, parecia continuar a ser nem mais nem menos que.. o principe regente: quando nos lembramos de d. João é que se destaca e avulta a nossos olhos a personalidade profundamente delineada, definida, incisiva, de Pedro I.

Aquelle se caracterisava pelas duas grandes virtudes que lhe absorviam toda a natureza moral, virtudes dominantes que o fechavam para tudo mais

e constituíam exclusivamente o seu modo de ser: — a resignação, levada a um quasi renunciamento de si mesmo, e a bondade de coração — bondade espontanea que chegava a ser mesmo inconsciente, porque não era mais do que singela expressão daquella alma tão meiga, tão rudemente meiga, mas tão desprovida das grandes qualidades que distinguem os fortes e sem as quaes o officio de rei ha de ser um indizível martyrio.

E nós todos bem que sabemos como — dentro de uma perfeita ordem e de uma vida sem estranhas accidações — d. João foi, seguramente, não só o principe, mas o homem mais infeliz do seu tempo. Basta ver que a alma daquella creatura andava tão por longe do destino com que a surprenderam — que, mesmo nos momentos em que se sentia ditosa, abalada de emoções edificantes, aquella alma se desafogava. chorando... como si padecesse das proprias alegrias ou si tivesse no intimo alguma dôr desconhecida e incuravel ainda quando a consciencia lhe rendia uma sancção clara, inequivoca, aos movimentos que tinha — dir-se-ia sem o saber — até nas conjuncturas mais graves. E elle chorou tantas vezes na vida que bem se poderia dizer — sem que elle perdesse coisa alguma da sua figura historica — que, durante os seus 33 annos de governo, o que mais conheceu foi a nevrose da dôr, a sensibilidade doentia do piedoso e mesmo uma especie de effusão perenne de pranto que talvez fôsse nelle o supremo protesto da pureza moral affrontada da inilludível inopia de um espirito que só tem força para ceder e abdicar. Elle chorou quando lhe mostraram o *Moniteur* e viu que Bonaparte lhe decretára a distribuição do reino. Chorou quando soube que Junot marchava sobre Lisbôa... Chorou quando se despediu do seu povo. Em prantos saíu a barra do Tejo. e em prantos poz pé vacillante em terras da Bahia.

Bella figura de rei: dolorosa, dolorosissima figura de homem!

E dalli por deante, emquanto a historia nos dá aquelles grandes gestos heroicos de guerra ao arbitro da Europa e de novo imperio de onde alça a vóz para o mundo — dalli por deante, elle viveu guardando, para todos os lances a que o levava, como si fôra um precito, o exercicio da magestade — elle viveu guardando a reserva de lagrimas que não se sabe como é que o lar lhe deixava. E' vel-o, afinal, daqui sair soluçando como uma creança e lá, na velha patria querida, caíndo, de coração transbordante e quasi hallucinado de alegria, nos braços do seu povo.

D. Pedro era positivamente um contraste ~~entre a natureza e a educação com tudo~~

isso. Nunca lhe viram humidos siquer aquelles olhos, vivos e trefegos, que anceavam de ver. Emquanto aquelle andon como lhe diziam que era preciso andar — este outro vem para concorrer com a fortuna. A velha deusa fállaz devia temel-o ou, pelo menos, tratá-lo com muito geito, porque elle na vida não andaria só á espera da vóz de commando. Este tem de fazer o seu papel. Temperamento ardente, vivaz, irrequieto, resolutivo, quasi impulsivo — não recuava nunca. salvo si percebesse que o capricho era do destino. Ainda assim, pôde ser que o destino tenha rido alguma vez do rei: do homem, — nunca. Elle foi, no papel que lhe coube, tão digno quanto podia ser: e não tem um momento em que, por sua parte, não tratasse de provar ao destino que sabia SER heroicamente (bem entendido: na accepção moderna do termo. Heróe, nos nossos dias, quer dizer indiscutivelmente — tão forte que se não deixa dominar; antes, cuida de dirigir e, portanto, de vencer o seu tempo).

E isso foi incontestavelmente d. Pedro. Vejamol-o nos quasi dez annos em que se viu aqui, face a face, com o mundo e entregue a si mesmo.

Em 1821, quando d. João se retira, contava d. Pedro 23 annos de idade apenas. Não se pôde dizer que o príncipe tivesse aquillo que hoje se deve entender por uma educação aprimorada. Assegura-se que elle nunca sentiu poderoso arrastamento para os livros. Não tinha paixão pela sciencia (apenas gostando um pouco da historia) nem pela arte (sentindo alguma coisa pela musica, segundo se diz). A sua inclinação característica era para a politica. Sabia, portanto, adivinhar-se: só para a politica tinha elle nascido. Si não era um alto espirito pelo requinte da cultura, tinha uma qualidade que se ia destacar na situação em que os acontecimentos o puzeram: era arrebatado, amava a gloria, possuia o enthusiasmo cavalheiresco dos que sabem entender a fortuna quando ella se apresenta radiosa e ufana.

Demais, o príncipe não teve uma orientação classica: o seu preparo se fez no meio dos amigos e antes de tudo é preciso convir que nelle se ia operar o violento contraste que era natural, dadas as circumstancias excepçionallissimas em que se formou. Pôde-se dizer que elle não conviveu com os primeiros espiritos da sua geração, ao menos. Também não é exacto que vivesse segregado do seu tempo no ambiente da côrte. E, portanto, do seu tempo elle representava a média moral, que se não sabe ainda bem si era a expressão mais exacta e fiel do character nacional. Elle se fez quasi nas ruas, nas festas, nos clubs, nas aventuras alegres e... ia eu quasi dizendo—nas

troças equivococ em que o seu temperamento se sentia mais livre.

E' claro, pois, que para um juizo seguro sobre a indole deste homem, é necessario ver qual era a sociedade daquelle tempo, principalmente as opiniões dominantes, as idéas que se agitam e sobretudo a aspiração que absorveu todas as forças de um tão grave momento da nossa historia. Não se trata evidentemente do alto meio de convenção, fóra do qual vivia d. Pedro, mas do meio que elle preferiu e que era formado pela porção aurea e jocunda da velha aristocracia que começou a dismantelar-se sob este céu da America. Os seus commensaes, os seus intimos, os seus socios de façanhas, eram todos moços como elle; e os proprios homens sisudos que d'elle se approximavam tinham que ceder algo ás inclinações irreprimiveis — aos estouvamentos, ás inconveniencias reaccionarias — com que elle não fazia mysterio em pôr de lado as etiquetas da côrte e até os preconceitos da posição.

E sabemos o que era o espirito da côrte e imaginamos o que era o espirito do proprio povo naquelle periodo que se segue á vinda da familia real. Talvez não houvesse um só brasileiro, desde o mais humilde até o mais eminente e poderoso, em cuja consciencia não estivesse já muito clara a directriz que os negocios politicos iam tomar. Andavam nos ares as procellarias e todos comprehendem e sentem que a tormenta não tarda. Uma como attitude estranha téem as almas: umas, batidas de espanto; outras, agitadas de força desconhecida. Para isso, concorriam: I—aquellas vicissitudes que abalavam o throno; II—além do grande desprestigio que a fuga importára, o orgulho que, por sua vez, tiveram os filhos do paiz tomando o posto de protectores da realza desventurada, coisa que a metropole, abatida de estupor, se vira impotente para fazer; III—e afinal a tendencia americana que vivia já no sentimento popular, talvez sem que ninguém percebesse. Estas florestas, estas montanhas, estas bahias, estes céos andavam, desde muito, fallando insidiosamente á alma renovada da raça. Em tal meio, o príncipe, mesmo que fôsse capaz de encarar discretamente a vida, tinha de ser liberal: esquecer-se um pouco de si mesmo era o processo mais expedito e seguro de se fazer querido.

Ninguém se engane, portanto. O liberalismo de d. Pedro era muito inconsistente: andava muito pela superficie e só por fóra. Provinha mais da facilidade do seu animo, aberto e receptivo, do que da sua razão e da sua consciencia. Nelle, sem duvida, já estava muito dynamisado aquelle sangue de João V; mas, com certeza, a alma de Affonso VI, lá no palacio de

Queluz, pairou por longo tempo sobre o berço do futuro Imperador... e deixou-lhe no espirito a tara formidavel de tantos seculos de tradição absolutista. E isso—não é necessario dizelo — não se elimina em poucos annos, nem mesmo, ás vezes, em toda uma vida.

Conclúe-se, pois, que o espirito liberal de d. Pedro era uma pura superfeição, ou, antes, um como reflexo do estado de alma dos brasileiros. mas — é claro — seria isso enquanto houvesse uma camada de aço ao fundo do vidro. Com todas aquellas expansões — de amor da patria, de paixão pela liberdade, de consciencia do direito, de culto pela justiça, de submissão ás leis da historia — d. Pedro sente que leva galhardo o seu destino. Mas, no dia em que sentiu o seu destino divorciado de tudo aquillo — adeus, lances heroicos! — a velha consciencia, o antigo sêr, que ía resonando no fundo daquelle natureza excepçional, accordou e bramiu!

Não vimos tudo isso porventura durante os ultimos seis ou sete annos que aqui passou? E, sobretudo, não vimos isso mesmo antes que o seu papel se definisse no Ypiranga?

Ha um processo relativamente muito facil de fazer a psychologia deste grande homem politico: é tirar das cartas que elle escreveu ao pae o que ellas téem de substancial. (1) Dês da primeira, elle começa a preparar o espirito do pobre rei, reduzido a um triste Lear — abandonado de todos, principalmente dos seus proprios, mais sombria de homem do que homem, dementado pela dôr, sem ter ao menos força para clamar na obsessão da sua desgraça. O misero agóra só era pae; foi o unico instincto que lhe ficou de pé — o instincto do sangue.

Si elle fôra ainda um homem, teria erguido a vóz deante das côrtes, teria enfrentado com todos aquelles arruobos — repercussão ainda do 89. Ah! mas até si elle fôra um homem, si tivesse vindo para grandes lances — teria tido na America portugueza o papel para que o filho teve alma de sobra, mas pouco senso pratico ou nenhum tino, nem simples visão, siquer, da historia.

Mas d. João só era pae. Do meio do seu espanto, aquelle sêr lacerado só tem o grito da angustia paterna, grito quasi inconsciente, que lhe irrompe da alma como o derradeiro signal de grandeza que nella deixaram os tuções do destino.

Tornou-se, portanto, facil ao príncipe amanhar o terreno. Aquelle anno todo de 1822 foi uma longa e habil conspiração. Saberá o rei, lá na metropole, do que faziam as côrtes — aquelle novo e estranho poder que alli se levantava, incontestavel, deante do throno?



O filho, daqui, lhe dizia coisas desusadas e imprevisas, fallava-lhe uma linguagem de outros mundos. Primeiro, d. Pedro está ao lado da magestade... porque sabe que da magestade lhe não pôdem vir gestos esquerdos. Ao lado da magestade, váe, muito fiel, pondo em outro lugar o interesse supremo da monarchia mesma. Em seguida, váe associando, váe fazendo inseparavel da sua auctoridade que na metropole já não estava mais nas mãos do rei. Enquanto as côrtes decretam medidas tendentes a reprimir os impetos do principe entregue aos brasileiros, trata d. Pedro de fazer sentir ao velho rei que as côrtes estão tornando a monarchia incompativel com o Brazil e que este, *por fidelidade*, está deliberado a affrontar as côrtes, divorciadas da alma portugueza e dos proprios interesses, da causa suprema da dynastia.

E' assim que tem de ser definitivamente julgado este homem. Para elle, o pensamento capital era vencer: tudo mais era secundario. Para que a sua voz fôsse ouvida dos brasileiros — fallava-lhes muito em *liberdade*: aos portuguezes fallava sempre em justiça. Mas essa justiça e essa liberdade deviam andar sempre fieis ao patrono. E' tanto isto é axacto que no dia em que, feita a Independencia, victoriosa a causa dos brasileiros, elle precisou ou teve velleidades de resistir — tudo foi esquecido: a sua vontade, os seus impulsos estiveram em collisão com os mesmos principios ou idéas que proclamára... porque os julgava incarnados na sua pessôa.

Eis ali d. Pedro como figura historica.

E si se quer completar o perfil esboçado com a feição psychologica do homem — basta acrescentar muito pouco: elle foi, como homem, o que ficou sendo como rei: um estouvado na vida, mas um estouvado forte e decisivo, quasi genial, que sabe quanto vale o estouvamento quando se tem sobre os homens a auctoridade incontrastavel que se funda no prestigio da tradição e no grande papel que se teve no drama do mundo. A familiaridade desbragada que elle sabia pôr em equilibrio com os ares augustos; a clemencia, a magnanima coragem, a sinceridade rudé que lhe encheram toda a vida e com que temperava os impetos estultos, bruscos, absurdos — tudo isso produzia no animo dos que o cercavam effeitos magicos, pois que todos bem sentiam que não ha nada neste pobre mundo tão captivante como um movimento bom que vem da mesma altura de onde pôdem cair fulminações de morte. Por isso é que fez amigos e amigos que lhe fôram fieis até o fim, enquanto o segundo Imperador — espirito sereno de sabio, grande alma paternal

desde os 20 annos, consciencia improscriptivel de juiz até na desgraça — não sei si teve amigos... a não ser o coração anonymo de todo o mundo...

Ha, entre um sem numero de notas não escriptas, uma que cracterisava d. Pedro I como homem. Entre os seus familiares, havia um padre Miguel, cura de Santa-Cruz, já muito velho e quasi de todo cégo. Troçavam os dois como dois rapazes alegres. Um dia, (acabava de chegar ao Brazil d. Amelia, a segunda mulher de d. Pedro) o Imperador chamou o padre Miguel para que viesse beijar a mão á nova Imperatriz. O velho, tropego, tacteante, aproximou-se muito da princeza, encarou-a longamente e afinal disse:

— «E' muito bonita... é muito bonita... mas é pena que cáia nas mãos de um p.... como este...» (e disse a propria palavra pouco gentil e pouco limpa).

Desta vez, porém, d. Pedro amou-se devéras e para sempre. Nunca mais fallou com o padre Miguel.

E' que o padre Miguel alli esquecia uma circumstancia muito grave: d. Pedro não era alli só Imperador — era noivo tambem...

ROCHA POMBO.

(1) Nas *paginas esquecidas* desta edição dos *Annaes*, os senhores encontrarão uma das mais decisivas das cartas a que se refere o nosso eminente collaborador. *N. da R.*

## ARMADA NACIONAL

*A nossa influencia no continente—A estação naval do Prata—A verdade sobre o valor da nossa esquadra em 1872.*

Vencido finalmente o Paraguay, victoria que ao Brazil custou sacrificios indiziveis e da qual elle nada aproveitou, lucta em que nos empenhámos para lavar a affronta á patria, mas que, pelo desinteresse com que acceitámos todos os encargos e perdas que acarretou, nos dá uma feição de D. Quixote de liberdades alheias, rompendo o jugo ferreo de um despotismo feróz e pretencioso que pezava sobre uma parte do sólo americano; vencido, afinal, o Paraguay, que se havia feito e que se fazia no seio dos nossos gabinetes em pról da marinha? E' o que nos occupará agóra, dando assim seguimento ao nosso trabalho, que não podia deixar de estacar ante a campanha do Paraguay, embóra com brevidade, como o fez.

Já vimos que o Brazil, ao iniciar-se a guerra, não possuia uma marinha militar á altura de suas necessidades. A força dos acontecimentos forçára-o a crear e a manter uma marinha que, se lhe dava a supremacia naval na America do Sul, era porque os demais

paizes deste continente, em geral sujeitos a tyrannias, cujos actos originavam luctas civis quasi permanentes, não se podiam dedicar ao desenvolvimento das suas marinhas de guerra, e não porque a nossa armada fôsse uma instituição sabiamente estabelecida e com talento e superiaridade conservada e engrandecida.

A posição de garante da independencia do Uruguay, ficha de consolação dada a quem perdia, em virtude duma campanha inhabilmente dirigida e pessimamente sustentada, uma rica porção do seu territorio; posição que assumira para manifestar uma certa superioridade ante o inimigo que combatera e do qual receiava viesse a aposar-se da provincia cisplatina; fôra pretexto a que se mantivesse sempre uma respeitavel força naval no Rio da Prata, estação mais justificavel ainda depois da campanha de Rosas e da guerra contra o governo de Aguirre.

Esse prestigio que em geral se quer ver através de tal posição, só se manifestava, e de alguma fôrma, no Uruguay; como o Brazil, que tolerou as duras affrontas da questão Christie e deixou-se embahir pela diplomacia norte-americana no incidente do apresamento do *Florida*, poderia impedir offensas á soberania uruguaya quando irrogadas por uma nação forte?

E que grande gloria é essa, dum paiz tornar-se sustentaculo da independencia dum estado que foi provincia sua e que de seu jugo libertou-se por uma rebellião, antes ateiada por um terceiro que por impulso proprio?

E que resultado pratico tirou o Brazil dessa situação durante os sessenta e sete annos de imperio?! Que grandes proventos lhe advieram dessa influencia que exercia junto ao governo uruguayo? Unicamente fartar-se de dizer e proclamar pela face do orbe o seu papel de protector do Uruguay? Manter no Rio da Prata uma divisão naval, que, para estar paralyzada, tanto o podia estar lá como aqui no Rio de Janeiro?

Sustentar a campanha contra Oribe, o que equivalia a combater Rosas no Uruguay, encargo que lhe adviera do character do seu papel, para depois ir sustental-a directamente contra este dictador na Argentina, dando já symptomas do seu character de campeão das liberdades continentaes?

Creemos que lucro daquella sua preponderancia no Prata, só os alcançou o Uruguay, como da campanha do Paraguay, só advieram lucros á Argentina e talvez ao proprio Paraguay, que, se se viu abatido e annullado por muitos annos, viu-se tambem liberto do poder de um despota, ridiculo se não fôra sanguinario, e que, afinal, mais cedo ou mais tarde, dar-lhe-ia o mesmo destino.

Não haverá censuras ao governo mo-

narchico por nos ter levado á guerra com o Paraguay; mas, digno de censura é elle por nada ter aproveitado dessa guerra.

Deve-se admittir o cavalheirismo entre nações dentro de certos limites; mas um paiz não tem o direito de exigir o sacrificio da vida de seus filhos para ser cavalheiro sómente.

A nossa influencia junto aos governos do Prata era tão grande, tão grande e efficaç a nossa supremacia no continente que, nem sequer as questões de limites com os nossos vizinhos fôram resolvidas durante o Imperio! E, da guerra do Paraguay, cujo pezo, quasi inteiro, recaíu sobre o Brazil, só a Argentina, na Alliança, tirou resultado.

E, porque acima fallámos da estação naval no Rio da Prata, mostraremos como, sob o ponto de vista puramente naval, era inútil, o que aliás já se vinha reconhecendo para o fim da monarchia.

Tem-se dito muita vez que essa estação era uma excellente escola para nosso pessoal. Em que e porque? Os navios acaso abandonavam periodicamente o porto para exercícos em mar alto, para cruzeiros longos e que, já em 1870, se vinham fazendo desnecessarios? Não; vivia-se fundeado no porto, indo ás vezes de Montevidéo a Buenos Ayres, incomunicavel com a terra quando caía o pampeiro; vivia-se no meio das festas e diversões que a grande colonia brasileira alli proporcionava. O lucro estava na viagem de ida e volta? Nesse caso, a escola era a viagem e não a estação. E assim a estação naval no Rio da Prata, sob o ponto de vista profissional, tinha a mesma importancia que essa triste e vergonhosa immobilidade de hoje, no Rio de Janeiro.

E se achavamos justificavel aquella demonstração do nosso poder naval até á ultimação dos tratados de paz entre a Alliança e o Paraguay, julgámo-lo dispensavel posteriormente. Se o Brazil já tinha luctado contra o governo uruguayo e se já o tinha tido por alliado! Aliás, assim já pensava o governo imperial, tanto que ultimamente a estação naval no Prata passára a ser de um só navio.

Effectivamente, o platonico prestigio politico que exerceramos se vinha enfraquecendo. A Argentina progredia já francamente. Não é mesmo provavel que, se a monarchia sobrevivesse no Brazil, nós assistissemos á queda definitiva daquella supremacia, a superioridade da esquadra argentina sobre a nossa, a sua expansão commercial e industrial? E' quasi certo, porquanto no fim do Imperio, mais de oito annos antes de 15 de novembro, já o commercio argentino vinha procurando rivalisar com o nosso, já a sua industria se vinha desenvolvendo, já se intentava a con-

strucção de La Plata, já se projectava o engrandecimento de Buenos-Ayres, de seu porto, já a corrente emigratoria se fazia para lá mais forte, e, entretanto, nós só viviamos de nossas glorias, do nosso passado e só cuidavamos de prolongar os sessenta e sete annos de paz.

Quando a Republica se fez, já a Argentina encommendára o seu *25 de Mayo*; seu poder naval começava a desenvolver-se; nós tinhamos já costumado o *Javary* e o *Solimões* e o aleijão que era o *7 de Setembro* á immobilidade, e o nosso primeiro cruzador era um navio de madeira, mixto, com machina que lhe imprimia dez milhas de velocidade, e já o *Tamandaré* se construía havia cinco annos!

Não precipitemos, no emtanto, os acontecimentos.

Voltemos ao final da campanha do Paraguay.

Haviamos mostrado que, ao surgir essa guerra, se patenteára no Brazil um lastimavel desmantelo de organização militar, quer offensiva, quer defensiva e que as operações militares, pelo menos nos portos principaes, não chegaram a constituir uma brilhante licção de estrategia.

Como triumphámos, então, nessa lucta?

Pelo dispendio de uma sobre humana energia por parte dos administradores e de seus auxiliares, pela bravura e abnegação do character brasileiro, pelo heroísmo dos nossos militares, em geral, e, sobretudo, pelo genio de Barroso em Riachuelo, e pela brilhante organização militar de Herval, triumphando em Tuyuty.

A inapreciavel actividade e iniciativa de alguns ministros das pastas militares, naquelle periodo, sobretudo dos da marinha, conseguindo do «arsenal da Côrte que longe estava de poder attender» «ás necessidades do serviço, mesmo em epochas normaes», a rapida construcção de navios indispensaveis ás operações da guerra, e destes, destacando-se o então dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo, entrando apenas na estrada da administração, auxiliado pelo zelo e pela competencia de Level, Braconnot e barão de Laguna, concorreram muito para que a esquadra adquirisse, no correr da lucta, os elementos que lhe faltavam em 1864 e que lhe eram indispensaveis para a victoria. Auxilio efficaç foi tambem o da diplomacia, que obteve a não intervenção dos governos francez e inglez, que deveriam impedido a saída dos portos de suas nações de navios e material destinados a um dos belligerantes.

Muito jubilo sentimos aqui em prestar esse testemunho de veneração aos que tanto e tão criteriosamente se devotaram á marinha, nós, que, desde o começo, vimos atacando as administra-

ções navaes. E ousamos pensar que, se o visconde de Ouro Preto houvesse tido mais tarde ensejo, por estabilidade na administração, de dedicar-se á marinha, teriamos nós tido então um ministro, pelo menos, capaz de, correspondendo ás uecessidades do paiz, organizar uma marinha de guerra á altura dos seus designios.

\* \* \*

Vencidas que fôram, porém, as difficuldades mais serias que a campanha do Paraguay nos offerecen, parecia voltar a atacar-nos o inveterado mal: «a antiga inercia e o habitual desleixo no tocante a exercito e armada», a que se refere o sr. visconde de Ouro Preto, estudando o curto periodo de 1862 a 1864.

Assim é que diz o sr. almirante Jacuguay, referindo-se á epocha do forçamento de Humaytá: «Então o numero de unidades, de diferentes gráus que formavam o total da força no Imperio, attingiu a 75, montando 290 peças etc.»; adeaute diz: «Já no anno seguinte», 1869, «começou a descrever consideravelmente o effectivo de homens embarcados, etc.». Era justo, em parte, esse facto; porém, s. ex., após um trecho a que voltaremos, continúa: «mas no anno de 1871 já o numero de unidades de nossa força naval se reduzira a 56, com o effectivo de 5.456 homens, inclusive officiaes».

No livro do sr. Arthur Dias, *Problema Naval*, que alcançou uma grande notoriedade, não só pela oportunidade de sua publicação, como pela justeza dos conceitos emittidos, em geral, e mais ainda por patentear, de parte do auctor, muito interesse e bastante conhecimento dum assumpto, ao qual é estranha a maioria dos nossos patricios, encontra-se uma tabella que consigna o numero de unidades das diversas marinhas em 1872, e na qual apparece o Brazil como possuindo uma esquadra de 16 couraçados e 78 navios a vapor, armados todos em 237 canhões.

E porque nos não diga o auctor donde extraíu a tabella, cremos que a organisou buscando elementos onde os encontrava. Ora, como no livro do sr. visconde de Ouro Preto, *Marinha de outr'óra*, se diga que ao terminar a guerra do Paraguay a marinha brasileira contava 94 vasos, armados de 237 bocças de fogo, julgamos que s. ex. terá extraído os dados para collocar o Brazil naquella tabella, na alludida obra.

Mas, benevolencia ou engano, não teria o sr. Arthur Dias attentado em que, se desses 94 vasos, 16 eram de facto couraçados, os 78 restantes não eram todos a vapor. Realmente, diz o sr. visconde de Ouro Preto: «... a marinha de guerra brasileira contava

94 vasos, dos quaes 16 couraçados, 48 fragatas, corvetas, canhoneiras e transportes de madeira, 12 lanchões de ferro, todos a vapor, 6 navios de véla, 7 pontões depositos e 5 chatas armadas.»

Não sabemos ao certo o que fôram esses lanchões de ferro a que se refere o illustre auctor da *Marinha de outr'óra*; mas não acreditamos que fôssem, de facto, navios de guerra, e assim, desprezando-ose desprezando tambem os navios de véla, os pontões e as chatas, e dando a cada uma destas um canhão, reduziremos a nossa esquadra, naquella epocha, a 16 couraçados e 48 navios diversos a vapor, armados todos com 232 canhões, o que já está mais de accordo com o que lhe dá o sr. almirante Jaceguay: 56 vasos, tendo este naturalmente supprimido os transportes.

O sr. Arthur Dias, com a força que, diz, tinhamos então, affirma que o «Brazil era citado entre as primeiras potencias maritimas»; e, a proposito, transcreve um trecho de Larousse: «En Amerique, le Brésil, est, après les Etats-Unis, la seule puissance dont la marine de guerre ait une réelle importance. Il possédait, en 1869, 13 bâtements cuirassés e 46 vapeurs de la force de 5.912 chevaux». Não nos parece que este trecho seja plena confirmação daquelle asserto, tanto mais quanto a grande republica do norte não era ainda, a despeito do seu numeroso material fluctuante, uma grande potencia maritima.

O sr. almirante Jaceguay, fallando do nosso poder naval de então, com mais modestia diz: «Não obstante esse decrescimento de força, nos dois ultimos annos da guerra, por occasião da terminação desta, o numero de 16 navios encouraçados que figurava no quadro da nossa força naval, embóra não fôssem esses encouraçados apropriados senão para operações fluviaes e defeza de portos, era então o Brazil considerado como potencia maritima não desprezível no computo das forças navaes de todas as nações.»

Iremos nós mais longe; vamos provar que o Brazil não era então senão um arremedo confuso de potencia naval, que em 1872 só poderia sustentar a lucta, com vantagem, com qualquer novo Paraguay que surgisse, e nunca com qualquer potencia maritima de alguma importancia.

E, para nos ser mais facil e claro o estudo que vamos fazer, para aqui transportamos a tabella do sr. Arthur Dias, corrigindo-a na parte referente ao Brazil.

Marinha de guerra em 1872

Nações	Couraçados	Vapores	Canhões
Inglaterra.....	44	630	7.902
Estados-Unidos.....	51	501	1.378
França.....	50	332	4.834
Russia.....	31	226	2.900
Turquia.....	5	91	2.370
Brazil.....	16	48	232
Hespanha.....	....	74	.....
Austria.....	8	53	.....
Allemanha.....	11	13	.....
Italia.....	....	40	.....
Dinamarca.....	....	31	.....
Suecia.....	3	17	.....
Noruega.....	1	15	.....
Portugal.....	....	14	.....

Se, tirando os dados desta tabella, compararmos respectivamente a nossa frota ás frotas ingleza, franceza e russa, obteremos os seguintes resultados:

1º A esquadra ingleza, com quasi o triplo dos nossos couraçados e quinze vezes mais vapores, o que lhe dá, em summa, 10,6 vezes mais navios, tem 34 vezes mais canhões que a armada brazileira.

2º A frota franceza, numericamente 6 vezes maior que a brazileira, tem, entretanto, 20,8 vezes mais boccas de fogo que esta.

3º A esquadra russa, com um numero de vasos de guerra 4 vezes superior ao nosso, tem, no entanto, um numero de canhões 12,5 vezes maior que a brazileira.

Analysando o que ali fica a respeito das tres primeiras potencias navaes comparadas com o Brazil, resulta uma constancia notavel na relação entre o numero de vezes de que cada frota é mais numerosa e o numero de vezes que cada uma tem mais de canhões. Effectivamente:

$$\frac{34}{10,6} = 3,2; \quad \frac{20,8}{6} = 3,4 \text{ e } \frac{12,5}{4} = 3,1.$$

Não é uma constancia mathematica, é claro; mas, no campo pratico e sobretudo no terreno em que fazemos os nossos estudos, é uma constancia notavel. Tem ella uma explicação racional, ou é simplesmente filha de uma coincidência? Tem explicação e a daremos, fazendo antes igual comparação entre as esquadras americana e brazileira: a primeira, 8,6 vezes mais numerosa, tem 5,9 mais canhões, e, estabelecendo a seu respeito a mesma proporção, encontramos:

$$\frac{5,9}{8,6} = 0,7$$

Ora, conhecido, como é, que os Estados Unidos, pelas necessidades da guerra de secessão, fôram obrigados a crear uma numerosa esquadra de monitores e canhoneiras fluviaes, e que o Brazil, para vencer o Paraguay,

tivera necessidade de navios da mesma natureza, comprehende-se que aquella relação 0,7, approximando-se da unidade, seja logica.— Em esquadras organisadas com unidades do mesmo valor offensivo, approximadamente o numero total das boccas de fogo ha de ser proporcional ao numero de navios. E só esse facto da existencia de navios para operações em rio, constituindo a quasi totalidade das duas esquadras, explica a constancia que acima verificámos. A Inglaterra, a França e a Russia eram nações que tinham esquadra para o mar, navios construidos para um mesmo fim, segundo aos mesmos principios, aproveitando os mesmos progressos; e, pois, o numero de canhões deveria ser proporcional, aproximadamente, ao numero de unidades; ainda é curioso notar que a ordem decrescente daquellas relações 3,4 — 3,2 — 3,1 corresponde ás nações que, em ordem decrescente, tinham então maior numero de navios para operações fluviaes: França, Inglaterra e Russia.

Assim podemos desde já concluir, muito logicamente, que, como poder offensivo, as nossas unidades em 1872 valiam, em média, um terço das unidades daquellas tres nações. Os Estados Unidos tinham, pelo numero, uma esquadra superior á nossa.

Podiamos terminar aqui este ligeiro estudo, tendo demonstrado que o Brazil não podia estar collocado entre as primeiras potencias maritimas. Era, sim, uma nação que possuia uma invejavel esquadra para rios, defeito proveniente da imprevidencia dos nossos governos. Só trataram elles de organizar a frota, quando o perigo surgiu; naturalmente adquiriram unidades apropriadas a conjurar esse perigo; terminada a lucta, com a nossa victoria, estavamos aptos a luctar de novo, mas, nos rios.

E não terminamos aqui, porque queremos comparar ainda a nossa esquadra de então com outras constantes daquella tabella.

Quanto á Turquia, achamos exaggerado o numero de canhões, excessivo para o de 96 navios, em 1872. Ou ha engano da tabella, ou figuram ainda no numero dos navios a vapor, fragatas ou náus antigas, que comportavam numerosa bateria.

A' Italia, á Hespanha e á Dinamarca, o sr. Arthur Dias não concede couraçados. Entretanto, a Italia possuia oito couraçados de 4 a 6.000 toneladas e de 11 a 13 milhas de velocidade, todos navios de menos de dez annos; outros mais velhos, e, entre o numero de vasos a que s. ex. dá o nome generico de vapores, contavam-se cruzadores de mais de 1.000 toneladas e de 13 milhas de velocidade, e, em 72, a despeito da guerra com a Austria, a Italia possuia uma esquadra,



menos numerosa sim, mas mais poderosa que a nossa. Entre os nomes daquelles navios e para não cital-os todos, daremos os de *Castelfedardo*, *Ancona*, *Affondatore* e *Messaggero*.

A Hespanha já possuía as fragatas encouraçadas *Numancia*, *Victoria* e *Saragoza*, de 7.000 toneladas e 12 milhas, fóra outros couraçados menores. A Dinamarca também possuía alguns couraçados de 3 e 4.000 toneladas.

Comparemos, agóra, as esquadras austriaca e brasileira; a primeira tinha, diz a tabella, oito couraçados; a segunda dezeseis: o dobro. Mas, quaes eram os couraçados austriacos? Eram couraçados como o *Custoza* e o *Kaiser*, de 6 a 7.000 toneladas e 13 a 14 milhas. E os nossos? Seis eram da classe do *Alagôas*, monitores de menos de 500 toneladas, de 8 milhas de velocidade, incapazes de se aguentarem por algum tempo no mar. Dois, o *Herval* e *Mariz de Barros*, de cerca de 1500 toneladas, sem velocidade, e dos quaes diz o sr. almirante Jaceguay, referindo-se ao tempo em que ainda eram muito novos: «dois monstros gemeos, só efficientemente encouraçados em suas casamatas centraes; a cinta de couraça, destinada a proteger-lhes a linha d'agua, por um erro de calculo do constructor, ficára totalmente immergida; no *Silvado*, monitor de duas torres, considerava-se seu maior defeito a fragilidade e máu funccionamento das suas machinas»; o *Bahia*, de 1.000 toneladas e 8 milhas, já em 1868 «muito maltratado»; o *Brazil* e o *Lima Barros*, mais ou menos, como estes; o *Barrozo* e o *Tamandaré*, monitores também, sem marcha, cheios de defeitos, e, finalmente, o *Colombo* e o *Cabral*, com as caldeiras desabrigadas e de pessimo governo. Taes eram os nossos encouraçados em 1868. Que bella esquadra couraçada em 1872! Como dava um logar proeminente á armada brasileira, esse poderoso conjunto!

Dos nossos vapores, poderíamos dizer o mesmo: eram as *Amazonas*, as *Araguays*, as *Henrique Martins*. E, entretanto, os austriacos já tinham vapores de 2.000 toneladas, como o *Fasana*, cuja velocidade era de mais de 12 milhas. Se comparassemos a nossa esquadra com a allemã, teriamos o mesmo resultado: comparar o *Bahia* com o *Friedrich Karl*, seria comparar o *Deodoro* ao *Regina Elena* ou ao *Connecticut*.

A que ficou reduzido o nosso poder naval, após o exame que fizemos? A que ficaram reduzidos os 16 encouraçados que possuíamos? E os 48 vapores, todos da força da *Nictheroy*, da *Magé*, do *Taquary*, do *Antonio João*?

Não; concordemos que o Brazil não era absolutamente uma potencia naval respeitavel no mar. E, se déssemos então aos nossos monitores e ás

nossas canhoneiras, qualidades nauticas e evolutivas para affrontarem o oceano; e se lhes concedessemos poder defensivo igual aos dos navios da mesma natureza estrangeiros, teriamos, á vista do estudo que fizemos, admittindo que cada vaso dos paizes estrangeiros podendo luctar com 3 navios do Brazil, de reduzir a nossa esquadra a 5 couraçados e 16 navios diversos a vapor, dotados de 232 canhões. Não é esquadra que faça brilhante figura, naquella tabella. (\*)

Damos por terminado esse estudo, de algum interesse, porquanto fica assim provado que, pelo menos até 1872, o Brazil não tinha importancia como potencia naval e que o dictionario universal de Larousse peccava por bôa fé attribuindo-nos 16 cuirassés e 49 vapeurs de la force 5912 chevaux.

Só o *Devastation*, couraçado inglez construido em 71, tinha uma força de machinas de mais de 6.000 cavallos.

Podemos, pois, proseguir na nossa analyse. Estabeleçamos, antes porém, o que nos ficára da campanha do Paraguay:

Uma respeitavel esquadra para operações fluviaes; um corpo de officiaes de reconhecida bravura e com pratica de artilharia; grande parte dos officiaes superiores e quasi todos os subalternos, sem instrucção nautica, com grande experiencia de campanha em rio, e sem terem tido tempo para acompanhar os progressos que se vinham fazendo na arte naval.

#### TONELEIRO.

(Continúa).

(\*) Tudo, se a rectificassemos na parte referente á Italia e á Hespanha, que eram, então, potencias navaes superiores ao Brazil.

Damos, em seguida, a ultima parte do artigo do sr. Léon Bollack, *A semana de cinco dias*, que começámos a publicar no numero 46, anterior a este.

#### A SEMANA DE CINCO DIAS

Não poderemos, certamente, prever a desappareição de todas as outras restricções, que ainda impedem a livre expansão do genero humano, as restricções fiscaes e aduaneiras, as restricções militares e as restricções de fronteiras. Os homens, fraternalmente unidos, trabalharão de harmonia no aconchego de sua habitação terrestre, e quanto mais progredirem as sciencias, tanto menor será a contribuição de trabalho exigida de cada individuo: a missão do homem sobre a terra será abolir toda a dôr humana.

Antes, porém, de chegar a uma epocha idéal, a esse paraíso terrestre, em que as forças da natureza captivadas serão as bestas de carga do rei

dos animaes, quantos estadios teremos de transpor?

Afim de nos podermos orientar sempre para o alvo anhelado da felicidade completa do homem, convém, todavia, poupar-lhe as forças, e é por instincto que o complexo da civilização comprehende a necessidade absoluta de repousos bem espaçados. Da mesma fórma, numa marcha militar um tanto forçada, os chefes prescrevem altas em intervallos bem graduados que proporcionem ás tropas os esforços exigidos segundo a distancia a percorrer.

A humanidade trabalhou, successivamente, sem interrupção; depois, cortando as horas de trabalho com espaços de repouso, sempre mais proximos. A' semana de sete dias actual, succederá fatalmente um periodo mais curto, que, por hypothese, denominamos *quintada* ou semana de cinco dias.

Para instaurar essa éra nova, um dos obstaculos mais serios a remover seria uma difficuldade de ordem pshychica — a crença no domingo, unico e verdadeiro dia de repouso, confusão lamentavel engendrada pelos prejuizos religiosos. Mas a legenda biblica da criação não pôde pezar eternamente sobre os espiritos emancipados e, ante essa ineluctavel necessidade de paradas de uma civilização combatente, o periodo commummente chamado semana será, infallivelmente, encurtado.

O trabalho de hoje é, incontestavelmente, de natureza mais concentrada, mais fatigante, mais tensa, mais vibrante do que o dos nossos antepassados. Os nossos nervos mais movimentados exigem repouso mais frequente; a nossa *strenuous life*, na phrase dos anglo-saxões, a nossa vida intensa, sobrecarregada, tem necessidade de calmas cada vez mais numerosas.

A tendencia para a diminuição das horas de trabalho diario e a repetição mais frequente de dias de repouso é a consequencia mathematica, a resultante dos multiplos esforços dos homens da nossa epocha. Essa tendencia, como outros phenomenos naturaes, nada tem de anormal; convém, sómente, regulal-a afim de desperdiçar o menos possivel de energias na conquista dos nossos destinos.

Graças ao *Office International du Travail*, já os governos se reúnem para promulgar decretos concernentes á organização do labor material. Vimos despontar a primeira convenção do trabalho entre a França e a Italia, e, apesar dos partidarios do *laisser-faire*, não ha homem que consinta, de sangue frio, em deixar os pintores, por exemplo, serem envenenados pelo alvaiade, ou os meninos trabalharem cruelmen-

te, de maneira a lhes prejudicar o crescimento e a saúde.

E' natural que alguns interesses individuais sejam lezados nessa transformação das condições do trabalho; mas essa foi a historia da aparição do progresso: as lamentações de alguns privilegiados da vida não podem commover o complexo dos homens civilisados.

Os homens de hoje, conscientes dos soffrimentos de uma longa série de avós, escravos, servos ou proletarios, querem ser homens, creaturas verdadeiramente pensantes e activas. No banquete da vida, cada qual reclama uma parte justa, equitativa, num movimento traduzido por uma exigencia razoavel, incessante de diminuição de esforços.

Eis porque, apesar de todas as resistencias, de todos os preconceitos, veremos, algum dia, promulgadas estas duas leis humanitarias — o dia de oito horas e a *quintada*, a semana de cinco dias.

LÉON BOLLACK.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Os canaes de Marte. — As observações de 1905. Contestações de Cerulli. — Os canaes indicados pela photographia. — Ultimas provas.*

Merecem ainda a attenção dos sabios os canaes de Marte, si bem que, em parte, desmoralisados pelas observações mais precisas e dignas de credito.

Flammariion e outros partidarios da existencia desses admiraveis canaes, que seriam uma demonstração evidente de viverem seres intelligentes no rubro planeta, assentaram sobre elle uma theoria seductora com as brillantes apparencias de verdade; outros cultores da astronomia, com punhidos de razões convincentes, negam a existencia de tudo quanto os nossos olhos, através de poderosos instrumentos, divisam em Marte. Entre estes, o astrónomo Cerulli, em um artigo publicado no *Astronomische Nachrichten*, de 27 de março ultimo, declara que a geographia marciana é uma ficção.

Si é possível negar, em rigor, tudo o que se funda na observação visual, resta um testemunho imparcial, menos passivel de defeccão do que o globo occular — objectivo photographico, que, ha pouco, nos deu uma photographia dos canaes de Marte.

Douglass tinha já photographado em 1901 o mar Acidaliano em Marte, mas não se encontraram canaes nessas placas, do mesmo modo que nas obtidas, na seguinte opposição, por Lampland. Este observador obteve, a 11 de março de 1905, com o refractor Clark de 24 pollegadas com a extensão focal de 386 pollegadas, admiraveis photographias e, ao mesmo tempo que ellas eram tomadas, Percival Lowell fazia observações visuaes e desenhava o planeta, havendo coincidência perfeita entre esses desenhos e a photographia. Era então visivel a região da grande Syrta.

Essas photographias indicaram nitidamente os seguintes canaes: Nilostrys, Pyramus, Casius, Protonilus, Pierius, Vexillum e Thoth; indicavam tambem os mares com muita precisão e, com a grande Syrta, se distinguem, facilmente, os mares Erythreo, Icario, Hellas e as neves do pólo norte.

As imagens fôram augmentadas 1 vez, 8.

Em outros *clichés* se verificou a existencia de mais alguns canaes, principalmente os que se acham nas margens do Elysium, do Helicon, do Erebo e Hades, confirmando plenamente as observações visuaes dos canaes que são linhas continuas e não uma synthese de outras imagens, como pretenderam os observadores que os contestaram.

Volta, portanto, ao tapete das interrogações a geographia do planeta Marte.

\* \*

O professor Elliott Smith apresentou á Sociedade Pathologica de Londres, um calculo visical colhido no cemiterio prehistorico de El-Amsah, no alto Egypto, entre os ossos de um rapaz de dezeseis annos.

Esse calculo é formado de acido urico e phosphatos, sem oxalato de cal, e a sua idade attinge, na opinião daquelle professor, a sete mil annos.

O dr. Shaltock teve occasião de examinar um calculo analogo, proveniente de um tumulo da segunda dynastia.

Fica provado, com esses documentos de authenticidade incontestavel, que o arthritismo não é um flagello dos povos modernos.

\* \*

*A alimentação pelos ovos. — Os estudos do sr. Martinet. — O que representa um ovo segundo as investigações de Voit e Balland.*

O ovo fresco, toda a gente o sabe, é de facil digestão e contém substancias nutritivas em quantidade sufficiente, menos as substancias hydrocarbonadas.

O sr. Martinet estudou, cuidadosamente, a digestibilidade e as suas diversas maneiras de preparo culinario e therapeutico, uma vez que a alimentação é um dos melhores meios de restauração, adaptando ás forças do doente, de lhe apressar a cura, intervindo simultaneamente a cosinha e a pharmacia.

A casca representa cerca de 7% do pezo do ovo, restando para o ovo 50 e 55 grammas, 35g. de clara e 18 de gemma. Sobre esse total, ha consideravel proporção d'agua, e as materias nutritivas, propriamente ditas, não excedem ao pezo de 12 a 15 grammas, sendo, conforme a analyse de Armand Gautier, 4,5 de albuminoides da clara, 2,6 de vitellina e nuclealbumina da gemma, 5,6 de gorduras da gemma e lecithina.

A parte activa de nutrição é a gemma, tem mais nuclealbumina que contém phosphoro, tem maior quantidade de gorduras e lecithina, cujo valor intrinseco parece muito exaggerado.

Conforme as investigações physiologicas de Voit e Balland, um ovo representa quasi 150 grammas de leite ou corresponde ao valor nutritivo dessa dose, porquanto não tem, como este, elementos hydrocarbonados. Da mesma forma, o ovo representa cerca de 60 grammas de carne, e si se procurar o seu valor calorimetrico, conforme as unidades respectivas de albumina, 4 calorios e da gordura 9 calorios por gramma ou cerca de 80 calorios.

A maneira mais simples de administrar o ovo é chupal-o por um pequeno buraco feito na casca, sendo assim completamente assimilavel no intestino, si bem que menos digestivel que o ovo cosido na casca rapidamente sem perfeita coagulação da albumina.

Entre as varias combinações do ovo como alimento, o dr. Martinet indica, como excelente, a fórmula denominada zabaglione, que consiste: 1º, em misturar em um vaso de barro 5 gemmas e 6 grammas de assucar em pó, bater essa mistura adicionando-lhe, pouco a pouco, 150 grammas de vinho moscato d'Asti; 2º, adicionar um pouco de baunilha, de canella, de limão e mexer de vagar em fogo brando, até que ferva e fique bem es-

pumante; 3º retirar a baunilha, a canella, o limão e pôr a panella em banho-maria, batendo sempre e accrescentando-lhe uma ou duas colheres pequenas de rhum e de marrasquinho até que a zabaglione fique bem espessa. Este petisco come-se quente com biscoutos, equivalendo a litro e meio de leite.

Ha estomagos absolutamente refractarios á digestões do ovo, que provoca colicas hepaticas, crises de urticaria e vomitos; pôde-se, entretanto, affirmar que o ovo é um alimento perfeito para todas as edades.

## A POLITICA MUNDIAL

### A PAZ DE PORTSMOUTH

O que Mukden e Tsu-Shima deixavam entrever de glorioso para a alma heroica dos nippões já não se realisa: não quer o destino que o estandarte do Sol assista, do alto dos Uraes, ao louco fugir das hostes slavas deante da irresistivel impetuosidade dos asiaticos, como vaticinava aquelle hymno de guerra entoado pelos pequenos japonezes em todas as escolas do imperio do mikado.

Foi um sonho a conquista do Kamtchatka, a neutralisação da Siberia oriental, a dominação da Mandchuria, além da Koréa, de Porto-Arthur e da grande iudemnisação de guerra; foi um sonho porque a fria realidade é outra. A Russia «não dá um kopek», na phrase do sr. de Witte, e consente apenas na cessão do sul da ilha de Shakalin, concordando mais com o protectorado da Koréa e o abandono de Porto-Arthur e da peninsula de Liáu-Tung.

Continúa o imperio slavo a ser potencia asiatica, cujo poderio naval não admitte limitação no Extremo-Oriente; isto é, não abre mão a Russia dos seus planos de outr'óra, conserva-se fiel á sua politica da «mancha de azeite», tão magistralmente descripta pelo allemão Yorck von Woertemburg. Consequencia logica: possibilidade de novo conflictio.

Resta, agora, saber se este desfecho, para muitos inesperado, da conferencia de Portsmouth, é ou não favoravel para o Japão. Duas hypotheses ha para considerar: a das vantagens materiaes e a dos proventos moraes. A primeira pertencem a indemnisação reclamada e os territorios adquiridos; aquella foi negada e estes diminuidos.

Já disseram os francezes: *plaie d'argent n'est pas mortelle*, e, no caso vertente, perfeita applicação tem o proverbio, porque ao Japão nunca ha de faltar quem lhe forneça os capitaes que o seu progresso exigir. Por seu lado, a Koréa possui área territorial assáz vasta para contentar, até certo ponto, o imperialismo japonéz; nesta peninsula poderão estabelecer-se os colonos vindos do archipelago visinho.



e colaborar para a grandeza por vir de um «maior Japão».

As vantagens moraes, estas fôram enormes; o triumphador poz-se em evidencia para todos os orientaes, que só téem um culto — o da força; e não se póde negar que o Japão occupa, no momento actual, posição preponderante em todo o Oriente. Um fremito de esperança, sob uma apparente insensibilidade, agita todos os povos da velha Asia, brancos ou amarellos; todos, chins, indús, persas e arabes, téem os olhos voltados para a Méca moderna, Tokio, e de lá aguardam a senha para a nova revolta, de consequencias incalculaveis para os destinos da Europa e da America do Norte.

Já os operosos filhos do imperio do Sol iam levando de vantagem a sua infiltração pela gigantesca China, como negociantes, engenheiros, industriaes, instructores militares e docentes; o seu prestigio ia além, pois que os ricos indús, rompendo a praxe estabelecida, mandavam ultimamente os filhos para Tokio em vez de Londres; agóra, porém, váe caber-lhes o titulo official de iniciadores da Asia na civilização occidental, e a Sparta guerreira se transformará em Athenas fóco de luz, dispensadora das sciencias para os que ainda luctam com as trevas da ignorancia.

Illudiu o Japão aos seus *desinteressados* amigos, a Grã-Bretanha e os Estados-Unidos; revelou uma pujança creadora que os deixou attonitos e receiosos, porque acreditavam de bõamente que os homens amarellos apenas saberiam repetir mechanicamente o que lhes tinham ensinado os seus mestres allemães e inglezes; mas o resultado foi inteiramente diverso; dahi, o desenlace imprevisto da conferencia de Portsmouth, a decisão do mikado, o desespero dos plenipotenciarios japonezes e a indignação do povo nippon.

Acreditamos que a solução que todos conhecem resultou de uma pressão conjuncta exercida pelos dois povos anglo-saxões sobre o governo de Tokio, disfarçada tal intervenção sob as apparencias da humanidade e dos interesses superiores da civilização. E igualmente, cumpre notar que a renovação do tratado anglo-japonez seguiu-se á terminação virtual da guerra, sendo licito duvidar que o seu theor tivesse sido o mesmo, caso o mikado se obstiuasse em continuar as hostilidades.

Os Estados-Unidos e a Grã-Bretanha téem interesses de natureza diversa e por demais valiosos na Asia e, principalmente a segunda, na propria Europa, para consentirem no esmagamento total de uma potencia como a Rússia, de ha muito afastada do Occidente. A hegemonia do Oceano, bem o sabem os inglezes, um dia ha de fatalmente pertencer á America de Norte;

mas esta evidencia, penosa sem duvida, é instigada pela identidade de raça; sempre serão os senhores do mar os anglo-saxões. Acontece, porém, que outro povo, tenaz e forte, tambem se apparella para disputar a herança de Neptuno, e este novo contendor tem um chefe que sonha dictar a lei na Europa.

Para Guilherme II, uma Rússia hypnotisada pelo Oriente é o caminho sem obstaculos de Berlim a Trieste passando por Vienna; é a maior Allemanha — prolongada mais tarde por este Oriente fascinador, pela Asia-Menor, o sonho dourado do monarchia.

E' preciso, pois, restituir o colosso slavo ao taboleiro europeu, onde ainda poderá figurar em muitas combinações porventura hostis aos planos do restaurador do Santo Imperio romano-allemão; de resto, a sangria japoneza o enfraqueceu sufficientemente para deixar o campo livre á Inglaterra nas suas campanhas de absorpção na Persia e no Thibet, e, como garantia, o Japão, o soldado da Grã-Bretanha no Extremo-Oriente, conserva-se vigilante, prompto a marchar.

Nesta partida de xadrez, que acaba de ser resolvida, os vencedores da ultima hora fôram os anglos-saxões. O Oceano Pacifico, o futuro *lago americano*, via erguer-se em suas praias occidentaes uma nação que ameaçava tornar-se a sua Albion, ao mesmo tempo que podia igualmente aspirar ao papel de sua Allemanha no continente; graças, porém, á iniciativa americana e á attitudo européa, fôram cortadas as azas da aguia japoneza para lhe provar que os destinos do mundo ainda dependem da vontade dos brancos occidentaes. Resta, agóra, saber se, instruido duramente pela experiencia, supportará o Japão engrandecido e forte um terceiro Simonosaki.

GASTÃO RUCH.

### AREIAS MONAZITICAS

Nestas columnas, eston habituado a tratar, sómente, de assumptos litterarios; de politica, ou de sciencias, já-mais cuidei eu.

Seguí sempre o conselho de Chateaubriand, que affirmava ser as lettras os primeiros prazeres ao entrar na vida e os ultimos ao deixal-a.

O grandioso iniciador do romantismo, em França, fallava com a auctoridade da propria experiencia. Elle começou com o *Génie du Christianisme* em 1804, e terminou, publicando as *Memoires d'Outre tombe*, etc.

Enchem o longo periodo de sua existencia — viagens, poemas, combates no campo de batalha, como soldado da restauração da monarchia bourbo-

nica; depois, jornalista, embaixador em Londres e enviado ao Congresso de Verona, par de França e ministro de estrangeiros no gabinete Villele, expulso do mesmo; luctas violentas na tribuna parlamentar e na imprensa, vida agitada e tempestuosa. tudo, finalmente, acabou pelo culto da pura litteratura.

Em verdade, as lettras cauzam esse prazer ultimo e como o deram, no começo da juventude, quando as almas, sorrindo, se preparam para as alegrias, as incertezas, ou as tristezas do porvir.

Hoje, deixo, porém, de parte a litteratura e lanço os olhos rapida e ligeiramente sobre assumptos concernentes ás sciencias chimicas e mecha-nicas, publicando os trabalhos que o industrial sr. commendador Domingos Gonçalves submetten ao Congresso de Expansão Economica, que teve ruidosa e ostentosa existencia, legando á admiração dos contemporaneos e dos posterios, como precioso fructo, o *Volume das conclusões*, o qual será enviado á Belgica para esclarecel-a acerca da realidade das condições economicas do Brazil.

O sr. commendador Domingos Gonçalves é um modesto cultor das sciencias naturaes, principalmente da chímica, que estudou e praticou proveitosamente na Allemanha, com mestres competentes e abalisados.

Espirito curioso, tentando surprehender, ou devassar os mysterios da natureza, tem feito excursões pelos Estados do Rio, de S. Paulo, do Espirito Santo, e Minas Geraes, Goyaz, e outros, observando numerosos factos, que a sciencia apura, classifica, ou reconhece uteis, quer sob o ponto de vista theorico, quer no das applicações praticas do commercio e da industria.

Quando o governo brasileiro pretendeu fazer concessão das areias monaziticas a dois particulares, que monopolisam esse genero de produção natural, o sr. ministro da Fazenda não achou (disseram) quem procedesse a conveniente analyse naquelles productos mineraes. O honrado ministro incumbiu, é certo, ao sr. commendador Domingos Gonçalves esse trabalho, do qual se desempenhou com perfeita galhardia e acabada proficiencia.

Vimos as amostras dos saes contidos nas areias, vimos extraídos — o *thorium*, o *cerium*, etc., etc., e nos informaram de haver taes productos, obtidos pela machina inventada pelo sr. commendador Domingos Gonçalves, merecido grande apreço, tanto em França, quauto na Allemanha.

As duas exposições, que vão abaixo, esclarecem o assumpto.

O sr. commendador Domingos Gonçalves, como homem da sciencia e

industrial pratico, tratou, na primeira, analyticamente, das areias monaziticas, mostrando as substancias que se pôdem extraír dellas. Na segunda exposição, apresentou ao Congresso de Expansão Economica um plano, ou orçamento da receita e da despeza duma fabrica para preparar e desenvolver a industria desse ramo de produção mineral.

As duas exposições do chimico industrial merecem a attenção dos espiritos que não desdenham dos interesses vitaes do paiz, relativamente ao seu commercio e industria.

Não entraremos em certos pormenores, que só os industriaes experientes e praticos pôdem ministrar.

#### EXPOSIÇÃO SOBRE AS TERRAS RARAS (MONAZITICAS)

Destas areias monaziticas tirou o chimico Berzelius os saes de *thorio*, *cerio*, *ittrio* e outros; sendo que os mais uteis são o *thorio* e o *cerio*; aquelle, empregado na manufactura dos manchões para a luz incaudecente; e este, para diversos usos industriaes. Consta que na Allemanha fazem grandes provisões delle, para empregarem como explosivo na guerra. Berzelius, deu-lhe esta denominação em consequencia da analogia que existe entre os oxydos dos hydratos de glencinio e de alumínio, bem como seus chloruretos.

Estas terras raras têm sido ultimamente objecto da maxima attenção entre os principaes chimicos da Europa, especialmente na Allemanha e França, os queas têm encontrado novos corpos, que qualificam devidamente, demonstrando seus pezos atomicos e densidades, etc., etc. Não foi a natureza menos prodiga para com este grande paiz, visto que, não obstante dar-lhe uma primavera eterna em sua flóra, ainda o contemplou com uma abundancia tal de areias monaziticas, que chega a tocar as raias da maior admiração.

As principaes jazidas desta preciosa riqueza existem nos Estados da Bahia e do Espirito Santo, sendo que as daquelle principiam no logar denominado Prado e seguem até Caravellas pelo littoral, e no interior nos rios das Contas e Betinote; as do Espirito Santo são encontradas desde o Cachoeiro de Itapemirim até ás proximidades da cidade da Victoria, (Guarapary) e no Rio Doce.

Existem, tambem, em Matto Grosso nos rios Tacuary, Roncador e Paraná.

Encontram-se taes areias nos rios Parahyba, Curumbá e Paraná em Goyaz. No Estado de Minas Geraes, são achadas no rio S. Francisco e em diversas fazendas, nas proximidades da Diamantina e de Ouro Preto. No Estado do Rio de Janeiro, as

mesmas areias apparecem na costa de S. João da Barra e nos rios Itabapana, Parahyba e em diversas fazendas do municipio de Sapucaia, onde eu as reconheci e verifiquei em diversos logares, que visitei, regressando de minha excursão mineralogica ao Estado de Minas Geraes.

De todas estas areias, as mais ricas em *thorium* e em *cerium* são as de Goyaz, visto que, em sua analyse, apresentam 63 % de oxydos do grupo *cericum* e 5 % do grupo *ittrico* e 75% de *thorio*. Em seguida, temos as areias do Espirito Santo, que têm de 4 a 4 1/2 % de *thorio* e de 35 a 40 de oxydos dos grupos *cericos* e *ittricos*.

Ha tambem umas outras bastante ricas, as quaes são de Villa-Velha, accusando 60 % de saes do grupo *cerico* e 4,30 % do grupo *ittrico* e 5,20 % de *thorio*.

Antes da exportação das areias brasileiras, eram ellas fornecidas á Allemanha pelo Estado de Idaho e pelas Carolinas do Norte. Nos annos de 1893 e 1894, fôram exportadas 680 toneladas de areias brutas, elevando-se a somma de sua importancia a 500 mil francos, regulando saír a tonelada, no logar da extracção, a 735 francos; este estado prospero bem depressa desceu, pois que no anno de 1896 só se extraíram 8 toneladas, que produziram apenas 4.360 francos, diminuição consideravel, que teve por causa, não só a desappareição das jazidas, bem como a concurrencia que lhe era feita pelas areias brasileiras, que, nesse tempo, eram levadas para a Europa em saccas como areia commum. sob o pretexto de servirem de lastro dos vapores que as transportavam. Em epocha transacta, chegou-se a vender um producto destas areias, com a porcentagem de 75 % de *thorio*, a 3.900.000 o kilo, e um outro a 98 % de *thorio puro* a 4.200\$000 o kilo; vindo, portanto, a custar uma tonelada deste ultimo 4.200:000:000. Este facto parece, á primeira vista, uma fabula; porém não é.

Não é crível que um engenheiro francez, formado em chimica e mineralogia, como é o sr. P. Truchot, fôsse capaz de informar inverdades e inventar coisas indignas da seriedade dum pensador e da nobreza da sciencia. Esses altos preços do custo dos productos constam da obra que o dito chimico, o sr. P. Truchot, publicou em 1903.

Pois bem: esse mineral, que attingiu a tão alto valor, não dá hoje a decima parte por causa da facilidade com que os *innocentes* carregadores das primeiras expedições, aos quaes nada custava, sómente o susto de ver descoberta a sua *innocencia* e, por conseguinte, a superabundancia no mercado estrangeiro, produziu a quéda, ou fez baixar o valor de tão precioso objecto, cujos

lucros importantes e admiraveis havemos de pôr em evidencia na demonstração, que publicamos no fim desta exposição, e como fiz ver no meu breve relatorio, entregue, no dia 7 do corrente, á commissão do Congresso de Expansão Economica Latino Americano, installado no Gabinete Portuguez de Leitura; e no alludido relatorio ou exposição demonstrei que, com mil toneladas de areias beneficiadas pela machina privilegiada de minha invenção, se podia, com o capital de 1840 contos de réis, obter um lucro, no primeiro anno, de 4.720 contos de réis.

Terminando, peço ao illustrado Congresso a publicação desses expositivos, porque elles pôdem ser uteis ao governo e ao publico, que principalmente não parece estar bem esclarecido a respeito da importacia das areias monaziticas, como ramo da riqueza e da exportação brasileira.

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1905.

\* \* \*

Eis ahi agóra o segundo relatorio, ou plano:

*Exposição demonstrativa sobre (1000) mil toneladas de areias monaziticas eguaes ás que se contém na amostra do vidro n. 2, preparadas na machina de minha invenção, privilegiada pelo governo da União, em 21 de janeiro de 1903, SOB A PATENTE N. 3764, por 15 annos.*

Estas areias fôram-me fornecidas por s. exc. o sr. ministro da Fazenda, sr. Bulhões, para quem fiz os necessarios estudos de passal-as do estado bruto, em que se acham na amostra n. 1, como tambem lhe forneci os saes extraídos das mesmas, eguaes aos que se encontram nas amostras ns. 3 e 4, que nesta data tenho a honra de submeter á apreciação do Congresso, afim de concorrer com as poucas habilitações de que disponho para a nobre e justa campanha, na qual o Congresso está trabalhando com toda competencia e amor patrio, o que muito o nobilitará perante a nação agradecida.

Demonstração sobre mil (1.000) toneladas de areias da amostra n. 2, reduzidas a saes de *thorium*, *cerium*, *itrium* e *lantanio*, sendo que de *thorium* pôdem-se tirar 30 toneladas e dos outros metaes acima expostos, os quaes quasi todos pertencem ao grupo *cerico*, por isso que são da mesma natureza das terras raras, cômpostos dos diversos ciliatos infuziveis; destes pôdem-se tirar duzentas e cincoenta toneladas (250) e de productos secundarios, como sejam: *phosphatos*, *sulphatos de amonia* para abubos agricolas, 200 toneladas.

Tendo assim verificado as substancias contidas nas areias, passarei a demonstrar as despezas provaveis sobre as areias limpas e os lucros que pôdem produzir pela fórma seguinte:

—Despeza com uma installação completa, com todas as machinas, e um bom laboratorio.	300:000\$000
— Idem, com drogas para dissolução.	160:000\$000
—Custo das areias.	700:000\$000
—Despezas geraes com salarios e ordenados. . . .	480:000\$000
—Juros e eventuaes. . . .	200:000\$000
Total rs. . . .	1.840:000\$000
Notemos a renda dos productos obtidos :	
— Trinta toneladas de <i>hydrato de thorium</i> , vendido a 3.200\$ o kilo.	960:000\$000
—250 toneladas de saes do grupo <i>cerico</i> , como expúz, vendido a 20\$000 o kilo . . .	5.000\$000
— 200 toneladas de productos secundarios, como sejam phosphatos, sulphatos de amonia para adubos de terras de lavoura, vendidos a 300 rs o kilo, (menos que o preço do guano) importam em. . . .	600\$000
Teremos. . . . .	960:000\$000
	5.000:000\$000
	600:000\$000
Receita. . . . .	6.560:000\$000
Despeza. . . . .	1.840:000\$000
Lucro provavel. . . . .	rs 4.720:000\$000

\* \*

Eis as conclusões das duas exposições que o sr. commendador Gonçalves enviou ao notavel Congresso de Expansão Eçnomica, a respeito do valioso producto — as areias monazíticas — que, ha cerca de 40 annos, são conhecidas na Bahia, e, como as areias, tambem é conhecida a turfa, que abunda por sobre as margens do Prado, do Rio de Contas, ou do Camamú.

Os vapores da antiga companhia de navegação bahiana, que percorriam a linha do sul, partindo da capital até Cannavieiras, Ilhéos, Caravellas, S. Matheus, etc. e a linha do norte até Penedo e Aracajú, empregavam a turfa como combustível.

A companhia de gaz frequentemente usava da turfa para produzir o gaz com que illuminava a capital da Bahia. Assim, pôde-se asseverar que essas duas substancias já são muito conhecidas desde longos annos.

Escrevendo estas linhas, só tive o proposito de dar noticia e publicar os trabalhos do sr. commendador Domingos Gonçalves, laborioso, instruido chimico e industrial.

EUNAPIO DEIRÓ.

As officinas dos "Annaes", dispondo de um material completamente novo e moderno, eucarregam-se de todo trabalho typographico.

## PAGINAS ESQUECIDAS

## INDEPENDENCIA OU MORTE!

A carta, que abaixo transcrevemos, escripta ao dr. Mello Moraes, pae, pelo barão de Pindamonhagaba, companheiro de viagem de d. Pedro I, conta, inteiramente, as circumstancias em que o principe soltou o celebre grito—*Independencia ou Morte!* E' curioso reproduzil-a, sobretudo porque é quasi desconhecida. Conservamos, respeitosa-mente, toda a grammatica do auctor.

«Illm. sr. dr. A. J. de Mello Moraes. -- Tenho presente a carta de v. s. em que pede-me alguns esclarecimentos sobre o acto da nossa Independencia no Ypiranga, afim de exaral-os na *Historia do Brazil*, de que é v. s. digno auctor. Com todo o prazer satisfaço a exigencia de v. s. narrando-lhe aquillo, de que tenho lembrança, e que presenciei, como testemunha ocular, e que o espaço de quarenta annos não tem apagado de minha memoria. Seguirei a ordem dos quesitos propostos por v. s.

Quanto ao 1º. A que horas foi o principe em passeio ao Ypiranga, em cuja occasião deu o brado «Independencia ou morte!»? Respondemos: Que indo o principe em regresso de um passeio que tinha feito á cidade de Santos, depois que subiu a serra acompanhado sómente por mim, recebeu nessa altura officios ou cartas por um proprio, parando e lendo-os disse-me que as côrtes de Portugal queriam massacrar o Brazil; continuando logo depois em sua viagem para a capital de S. Paulo, foi alcançado logo pela guarda de honra que havia ficado um pouco atrás, a quem o principe ordenou que passasse adiante, e fôsse seguindo, e isso creio que em consequencia de achar-se o mesmo principe affectado de uma dysenteria, que obrigava-o a todo o momento a aprear-se, para prover-se; meia legua distante do Ypiranga, encontrou-se a guarda de honra com Paulo Beregaro e Antonio Cordeiro, que perguntando á mesma pelo principe, dirigiram-se ao seu encontro, para entregar-lhe officios, que traziam do Rio de Janeiro.

A guarda de honra parou no Ypiranga, á espera do principe que, como já fica dito, ficou atrás e com quem fôram encontrar-se Paulo Beregaro e Cordeiro. Após pouco tempo, chegou o principe ao Ypiranga, onde o esperava a sua guarda de honra, a quem disse, e aos mais de sua comitiva, que as côrtes portuguezas queriam massacrar o Brazil, e pelo que se devia immediatamente declarar a sua independencia, e arrancando o tope portuguez que trazia no chapéo, e lançando-o por terra, soltou o brado de «Independencia ou morte!»; o mesmo fez a sua guarda e comitiva, a quem o principe ordenou que trouxessem uma legenda com a inscripção «Independencia ou morte!». Esta scena teve lugar, pouco mais ou menos, ás 4 horas e meia da tarde.

2º Quesito. Se foi em consequencia de uma carta de José Bonifacio ou de Martim Francisco, que dizia—o que se tem de fazer tarde, que se faça logo—o que resolveu o principe a dar o brado? Respondemos: Que ignoramos quaes os motivos a dar o brado do Ypiranga, e só sabemos que foi em consequencia das cartas e officios que recebeu da côrte, e que dizia-se serem da Imperatriz e de seu ministro José Bonifacio.

3º Quesito. Se o principe depois que acabou de ler a carta a deu ao padre Belchior Pinheiro de Oliveira, ou a outra pessoa, e

consultou o que devia fazer? Respondemos: Ignoramos completamente o que se passou nesse acto, porque quando o principe recebeu os officios de que fôram portadores Paulo Beregaro e Cordeiro, nos achavamos, como já fica dito, adiante do principe; porém é de suppor que este consultasse com o padre Belchior a respeito, por isso que era o seu confidente e mentor.

4º Quesito. Quaes os verdadeiros motivos que levaram o principe a S. Paulo? Respondemos: Que apenas sabemos que esses motivos fôram politicos.

5º Quesito. Quem fôram os causadores das perturbações da provincia? Respondemos: que supponho que os causadores da perturbação da provincia fôram alguns membros do governo provisório, por isso que apenas o principe chegou a S. Paulo, deportou-os dentro mesmo da provincia.

6º Quesito. Quaes os membros do governo provisório que se deshouveram, e perturbaram a marcha dos negocios publicos? Respondemos: Que dos membros des-havidos, e que perturbaram a marcha dos negocios publicos, apenas lembro-me do vulto mais eminente, e de quem muito se fallava, do coronel Francisco Ignacio de Souza Queiroz, que foi deportado para Santos.

7º Quesito. Em companhia de quem veio preso Martim Francisco para o Rio de Janeiro, e em que logar fóra da provincia de S. Paulo o deixaram? Respondemos: Martim Francisco dirigia-se para o Rio de Janeiro, preso, e sob a guarda do major de milicias, José Fernandes, e foi solto logo que transportou as raías da provincia de S. Paulo, sendo preso o major que o conduzia.

8º Quesito. Quantos dias o principe demorou-se em S. Paulo depois do dia 7 de setembro de 1822? Respondemos: Que apenas demorou-se o principe um dia.

9º Quesito. Como ia vestido o principe, e em que cavalgava? Respondemos: Que o principe ia vestido com fardeta de policia e, se a memoria não nos é infiel, cremos que cavalgava em uma besta baia gateada.

10º Quesito. O que houve em S. Paulo na volta do passeio do Ypiranga? Respondemos: Que na volta do Ypiranga para S. Paulo, que foi no mesmo dia em que soltou o brado de «Independencia ou morte!» o principe, o que houve de notavel e singular, foi de ser nessa noite no theatro, onde se achava o principe, aclamado rei do Brazil por um individuo de sua guarda de honra, que se achava sentado junto ao coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, coronel João de Castro Canto e Mello, e creado particular João Carlota. No dia seguinte, o principe apresentou-se com uma legenda no braço em que estava inscripto «Independencia ou morte!».

Creio ter satisfeito o quanto em mim coube o pedido que v. s. faz-me; resta-me o pezar de ter a mão do tempo riscado de minha memoria muitos outros factos e circumstancias, que por ventura ladeassem o acto de nossa Independencia, porque quarenta annos se tem passado, e seria preciso grande fertilidade de reminiscencia, para não esquecer todas as minuciosidades que se deram por essa occasião.

Aproveito o ensejo para respeitosa-mente saudar e cumprimentar a v. s., offerecendo-lhe igualmente o meu insignificante e limitado prestimo neste ponto.

Sou com toda a estima e consideração, de v. s. seu venerador.—Barão de Pindamonhagaba.—14 de abril de 1862.



O SEGUINTE TRECHO de Oliveira Martins é um dos traços mais fortes, mais vivos, com que o grande publicista-artista de Portugal lançou a physionomia moral de d. Pedro I. Os leitores gostarão de conhecer duas provas da veia poética do nosso primeiro Imperador, e elles são os dois sonetos que o auctor publica, um dos quaes acompanhado de uma nota flagrante de Camillo Castello Branco.

#### D. PEDRO I

Embuçado no seu capote, como um Cezar que chegava para ver e vencer, d. Pedro passou á fragata almirante, olhando tudo com os ares de quem tinha em muito mais o prestigio do seu nome e o valor do genio que acreditava existir em si, do que essa expedição mal armada, a dedicação e o valor dos muitos que a seguiam, e os braços dos mercenários que o aclamavam, entoando o *Rule Britannia* ou a *Marselheza*, conforme a nacionalidade.

Sartorius veio ao portolá recebê-lo, com Palmella e Loulé, Candido Xavier, Freire, o camarista Almeida, Mousinho, com a sua cabeça singular e enigmática, Tavares o poeta-medico, e Lasteyrie, neto de Lafayette, e o conde S. Leger-da-Bemposta, e o capitão brasileiro Bastos, e o Sancho-Pansa de seu amo, — o padre Marcos. Eram a cauda, a côrte de d. Pedro, para quem todos os commodos de quarto e mesa fôram reservados a bordo da fragata almirante. (*Hodges, Narr.*) No convéz, uma guarda de honra de marinheiros inglezes, tocando o hymno da CARTA, esperava-o. D. Pedro passou, grave, solemne, embuçado. Era corpulento e robusto, e tinha então 34 annos — a plenitude da força. As duas alas de cortezãos dobravam-se pela cintura, com a cabeça baixa, pedindo a esmola de lhe beijar a mão. Elle, sem os ver, passou brusca e rapidamente: metteu-se no seu beliche. No outro dia, os intimos desculparam a desatenção, allegando um mal-estar. (*Ibid.*) Depois, foi ver o batalhão inglez, que ainda estava, conforme chegára, roto, descalço e bebado. Respondeu aos *cheers* com um claro gesto de enfado, voltando as costas. Sartorius, picado, mordida os beiços; e d. Pedro, ao saber dos modos de vida dos soldados improvisados, perguntou-lhe para que prestava «esse bando de porcos». (*Ibid.*) Assim, em vez de reconhecer quanto se tinha feito com tão pouco, desdenhava de tudo, maldizia de todos, creando friezas em vez de sympathias. Prejudicava-o a vaidade que o fazia crer-se um grande homem, só porque o genio e a sorte lhe tinham dado uma existencia aventureira. Pretendia saber de tudo, e em tudo ia intrometter-se, até no equipamento dos navios, nos detalhes technicos da arte. Os simples e aduladores admiravam um genio tão universal; mas Sartorius, já picado com o modo por-

que elle tratára os inglezes, viu-se forçado a observar-lhe os seus erros e a exigir-lhe a abstenção. D. Pedro ficou surprehendido: a sua vaidade era simples, e com esses modos não tinha em idéa offender ninguem. Educado príncipe, achava natural tratar a todos de resto; e crendo-se genio, considerava os companheiros inferiores. Os episodios dessa guerra, que tantas desillusões lhe traria, mostrar-lhe-iam que nem um chefe viria a ser — quanto mais, alma, espirito, estrella, Napoleão da aventura! Deu a Sartorius todas as desculpas, prometeu-lhe toda a liberdade. Era sempre sincero; e os defeitos que tinha, tinha-os sem saber que fizessem mal. Era nobre, franco, aberto, no fundo do seu character; sem dissimulação, antes peccando por nimia franqueza. Tinha o coração ao pé da bocca, e como no coração havia um monte de illusões e bastante nobreza, a bocca exprimia-se conforme as circumstancias.

Possuia a forte qualidade de verdadeiro — como em geral succede aos espiritos simples e pouco educados. O do príncipe ficára effectivamente mal amalhado. Não era dado a leituras: dos homens apenas conhecia os que tratára, e como esses não eram dos melhores, a sua educação fraquejava muito, a sua vaidade crescia sempre.

Sobrio e forte, não esquecia a antiga tradição portugueza da nobreza inherente aos dotes herculeos: gabava-se do que podia e levantava pezos maiores do que ninguem. Isto dava-lhe mais um motivo de consideração para consigo. Outro eram os dotes litterarios de que se suppunha prendado e que os aulicos exaltavam: um genio universal! Compuzera o hymno da CARTA; e como do coração amava a Imperatriz, fez-lhe este soneto, que porém o não abona:

Aquella que orna o Solio Magestoso  
E' filha d'uma Venus e d'um Marte.  
Enleia nossas almas; e desta arte  
He mimo do Brazil, gloria do Espozo.

Não temeu o Oceano procelloso:  
Cantando espalharei por toda a parte.  
Seus lares deixa Amelia por Amar-te  
Hes mui feliz oh! Pedro, Hes mui Ditoso!

Amelia faz nascer a idade de ouro!  
Amelia no Brazil é nova diva!  
He Amelia de Pedro um grão thezouro!

Amelia Augusta os corações captiva!  
Amelia nos garante excelso agouro!  
Viva a Imperatriz, Amelia, viva! (\*)

(\*) «A sua poesia rebentava principalmente quando lhe morria uma mulher, e quando tomava outra. Quando falleceu a imperatriz d. Maria Leopoldina, carpiu-a dest'arte:

Deus eterno porque me arrebataste  
A minha muito amada imperatriz;  
Tua divina vontade assim o quiz,  
Sabe que o meu coração dilaceraste.

Tu, de certo, contra mim te iraste  
Eu não sei o motivo, nem que fiz,  
E por isso direi como o que diz  
«Tu m'a déste, Senhor, tu m'a tiraste.»

Ella me amava com o maior amor  
Eu nella admirava a sua honestidade.  
Sinto meu coração por fim quebrar de dor.

O mundo nunca mais verá em outra idade  
Um modelo tão perfeito nem melhor  
D'honra, candura, bonnomia (*sic*) e caridade.

(Nota do sr. Camillo Castello Branco, em carta ao auctor).

A ingenuidade destes versos reprime o nosso riso, porque eram sentidos. A bordo, o Imperador, só, com os retratos da esposa e da filha perante si, escrevia-lhes todas as noites com ternura. (*Ibid.*) Vê-se que, no fundo, era um bom rapaz, que o romantismo tresvariára por todos os modos. O romantismo napoleónico levára-o a suppor-se um Cezar; o romantismo benthamista, um Solon; o romantismo litterario, com o temperamento que a natureza lhe déra, fazia que oscillasse entre a ternura das paixões licitas e os arrebatamentos da libertinagem. De tudo isto saía um character quichotesco, mas bom: amava as creanças, o que é sempre um excellente symptoma. Podia ser cruel por colera, e foi-o; mas era humano por genio. Odiava as imposturas todas: as ladroeiras, as mentiras e os peralvilhos, com fitas e arrebiques. Em somma total do que agora dizemos, do que temos dito, e do que diremos ainda, — porque insistir assim, em diversas occasiões, é o meio de fixar uma physionomia, — d. Pedro era um bom exemplar de homem, desse genio artificial, pouco consistente, que a educação romantica fez.

Era, por egual, um bom príncipe? Isso é diverso, porque a primeira qualidade do chefe de um povo é exactamente aquella o romantismo não sabia — a consistencia. Philosophia de illusões, elle só creava tartufos politicos, como Luiz Philippe ou o rei dos belgas, ou só fazia infelizes como d. Pedro. Quem o tomava a serio, nos seus delirios sentimentaes, na sua apologia do temperamento, na sua apothose da personalidade, nos seus dogmas *liberaes* — e pôde dizer-se que d. Pedro era um desses — ia cair de encontro á realidade de um systema pratico, onde a personalidade é amesquinhada pelo imperio concedido á vontade collectiva no governo dos Estados, onde o sentimento não cabe, por afogado pela massa dos interesses que a intervenção do povo na machina politica faz antepor aos caprichos dos soberanos. Por isso tudo, e porque a isso tudo se alliava em d. Pedro um temperamento accentuadamente voluntarioso, o pobre príncipe parecia quichotesco aos

homens praticos e modernos — e foi um infeliz.

Desequal, como dois homens num só corpo mal ligado, ia agora até á excessiva familiaridade, logo até uma exaggerada frieza emproada. Umas vezes, apparecia ingenuo, simples, bondoso; outras, revelava-se brutal, aggressivo e violento. Dava positivos *fo-guetes* aos seus ministros, e então acreditava-se um grande homem, porque esses ministros se curvavam humildes.

OLIVEIRA MARTINS.

\*  
\* \*

### O PATRIARCHA

Oliveira Martins termina um capitulo do seu livro *O Brazil e as colonias*, escrevendo que José Bonifacio é o verdadeiro patriarcha da nossa Independencia e era o verdadeiro representante do espirito nacional. Aliás, esta tem sido tambem a opinião do Brazil, com poucas excepções.

Dá a medida de uma dessas excepções o seguinte artigo, publicado pelo *Correio Official*, de 28 de dezembro de 1833:

«*Semper ego auditor tantum?*»

Não tem o sr. José Bonifacio de Andrada que arrepende-se de ter feito a independencia do Brazil, como inconsideradamente manifestou aos honrados juizes de paz que lhe intimaram o decreto da suspensão da sua tutoria, porque o Brazil não deve este serviço exclusivamente aos seus trabalhos: nós vamos mostrar que apenas cooperon para ella muito menos do que se pensa.

Sabido é já que ninguem pôde arrogar-se a gloria, não digo só de ter feito, mas, nem mesmo de ter apressado a declaração da emancipação politica do Brazil: este acto operou-se tão acceleradamente e por tal unanidade de votos de todos os brasileiros, que pôde dizer-se com verdade que os factos encaminharam os homens e não os homens os factos. O grito da Independencia repercutiu em todos os angulos da terra de Santa Cruz, com geral espontaneidade e pouca differença de tempo, sem que precedesse seducção, porque os animos estavam naturalmente preparados e muito mais quando se viu que as côrtes de Lisboa, por seus actos hostis, tendiam a recolonisar o Brazil.

Eis a verdade historica, que convém restabelecer, porque existe provada nas diferentes peças officiaes daquella epocha memoravel, e nos periodicos e impressos avulsos que então circulavam, lidos avidamente pelos brasileiros, que amavam ver desenvolvidas as razões para a sua tão desejada independencia.

Todavia, tres factos principaes existem, pelos quaes o povo brasileiro se declarou independente de facto e de direito: 1º, o ficar o sr. d. Pedro de Alcantara no Brazil, contra as ordeus bem terminantes da metropole portuguesa; 2º, a convocação da Assembléa Constituinte brasileira; 3º, o brado de 7 de setembro, nas margens do Ypiranga. Estes actos tiveram seus agentes; mas, convém saber-se a parte que nelles teve o sr. José Bonifacio de Andrada.

O facto de ter a junta de S. Paulo dirigido ao príncipe regente a sua famosa carta de 24 de dezembro de 1821, redigida e talvez influida pelo sr. José Bonifacio de Andrada, fez crer a quem não estava ao alcance das circumstancias particulares dos acontecimentos, que a elle pertencera a iniciativa

do movimento nacional que promoveu a estada do mesmo príncipe regente no Brazil; mas, ha nisto engano. Aquella iniciativa teve origem no Rio de Janeiro e pertence ao fallecido José Mariano de Azeredo Coutinho e a José Joaquim da Rocha. Estes dois cidadãos, de accordo com mais outras pessoas, enviaram proprios a S. Paulo, solicitando a cooperação da junta provisoria daquella provincia e, ao mesmo tempo, abriram correspondencias com a de Minas. Como os animos estavam bem dispostos e os acintes da metropole faziam requintar a indignação dos brasileiros, a cooperação verificou-se no sentido da primeira idéa aqui concebida.

O facto de só verificar-se a 9 de janeiro a meusagem do povo fluminense ao príncipe regente fez com que parecesse collocado em segundo logar, na ordem chronologica dos successos daquella epocha; mas a deliberação para essa mensagem havia sido tomada muito antes de 24 de dezembro; e si não foi levada a effeito sinão em 9 de janeiro, deveu-se essa demora ás politicas observações do sr. José Clemente Pereira, então presidente do Senado da Camara, que não quiz deliberar-se a obrar, sem que houvesse certeza da cooperação das provincias de S. Paulo e Minas, considerando quão arriscado seria esse passo, si ellas não consentissem, o que era de receiar, attenta a dissidencia em que estavam, e a presença da tropa lusitana, que antecipadamente se havia pronunciado contra semelhante acto, até com ameaças. Estes factos são tão veridicos, que por elles se fez culpa ao sr. José Clemente Pereira na devassa da *infame bernarda* de 30 de outubro, e acham-se por elle explicados satisfatoriamente no processo que corre impresso.

Colhe-se, pois, em resultado do que temos exposto, que no movimento do primeiro acto da nossa Independencia não foi o sr. José Bonifacio patriarcha della, e apenas lhe cabe a gloria de um secundario cooperador, visto ter redigido a famosa carta de 24 de dezembro, que accendeu perigoso incendio no seio das côrtes de Lisboa, e teria produzido grandes males á causa da Independencia, si as tropas dalli enviadas tivessem aqui chegado mais cedo.

Pelo acto de 3 de junho de 1822, que convocou a Assembléa Constituinte, fez o Brazil declaração de direito da sua independencia, pois que independente se achava já de facto, desde 9 de janeiro, não obedecendo ao governo de Lisboa. Tambem para este acto em nada concorreu o sr. José Bonifacio de Andrada; antes, delle se desgostou, declarando crúa guerra aos seus principaes e bem conhecidos agentes. Examinemos os factos.

Sabido é que o decreto de 16 de fevereiro desse mesmo anno, pela sua anti-nacional clausula: — *Systema constitucional que... jurei dar-lhe* — e por outros actos arbitrarios do ministerio do sr. José Bonifacio de Andrada, ia fazendo perder a este o bom conceito com que entrára na administração; e já as provincias começavam a mostrar pouca confiança no governo do Rio. Esta circumstancia muito mais temivel se mostrava aos verdadeiros patriotas, quando conheciam que era empenho da metropole dividir as provincias em tal ensejo, para dominal-as assim fracas e embaraçar a sua independencia, resultado infallivel de tantos actos anteriores, mas perigosa, si a união de todo o Brazil lhe não dêsse uma base segurissima. Em maio desse anno, o presidente do Senado da Camara José Clemente Pereira, communicou aos srs. Joaquim Gonçalves Léo e Januario da Cunha Barbosa, o receio que tinha de que a revolução do Brazil, já começada, tomasse má direcção, á vista dos symptomas de divergencia que manifestavam as provincias, devidos em grande parte ás razões ha pouco apontadas; e encontrando na egualdade de

sentimentos desses amigos, já distinctos por seus serviços á causa do Brazil, como provam com evidencia os seus escriptos no periodico *Reverbero Constitucional Fluminense*, etc., emprehendido e sustentado para preparar a opinião dos brasileiros á independencia da patria, foi ajustado que se encarregassem de redigir um manifesto, em nome do povo fluminense, que tivesse por fim pedir ao príncipe regente a convocação de uma assembléa geral no Brazil, como unico meio de chamar todas as provincias a um centro; de remover suspeitas, que, de dia em dia, mais avultavam, e de satisfazer os desejos e necessidades de todos os brasileiros, que nada mais esperavam das côrtes de Lisboa, excepto a recolonisação. Proposição tão patriótica, tarefa tão honrosa, que tinha por fim apressar a declaração da independencia do Brazil, dar-lhe uma Constituição e manter a sua integridade e união, não podia deixar de ser applaudida. Houve logo uma conferencia, em que se assentaram as bases do projectado manifesto e fôram a ella convidados os srs. padre João Antonio de Lessa, brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega e João Soares Lisboa, redactor do *Correio do Rio*, cujos sentimentos patrioticos eram assás reconhecidos e geralmente respeitados.

Quizemos fazer esta minuciosa exposição historica das circumstancias que precederam ao acto de 23 de maio e nomear os principaes agentes, não só para que se conheça que elle não foi devido ao sr. José Bonifacio de Andrada, mas, tambem, pela notavel coincidência de serem todos esses patriotas muito perseguidos pelo sr. José Bonifacio, como todos sabem; e ainda teremos occasião de mostrar que a origem de tão crúa perseguição derivou desse facto, houroso sobremaneira a seus auctores.

Redigidas com promptidão as bases do manifesto pelos srs. Léo e Cunha Barbosa, assentou-se que se devia communicar esta deliberação ao governo, e, feita a communicação, respondeu o sr. José Bonifacio: — *Façam o que quizerem, na intelligencia de que nem convém apressar, nem impedir a convocação da Assembléa Geral.* — Cada um pôde interpretar esta resposta a seu modo; mas fica-nos a liberdade de dizer que ella inculcava manifesta reprovação; e mais alguns factos vêem em abono dos nossos sentimentos.

Celebrando-se no dia 22 de maio o anniversario dos martyres da Bahia, com pomposo funeral na igreja de S. Francisco de Paula e movendo-se a conversação sobre a representação do povo, que teria logar no dia seguinte, disse o sr. José Bonifacio, tratando-se dos seus agentes, em uma tribuna do lado da epistola da capella-mór daquella igreja: — *Hei-de dar um ponta-pé nesses revolucionarios e atirar com elles no inferno.* — Deste dito temos testemunhas presencias no Rio de Janeiro, pessoas de inteiro credito. Por essa occasião, disse o sr. José Bonifacio ao ministro encarregado dos negocios de... na sua sala de visitas e em voz tão alta que foi ouvido pelos que se achavam na sala de espera: — *Hei-de enforçar esses constitucionaes na praça da Constituição.*

Pelo correio de Minas, no dia 1º de junho, chegaram representações dos povos do Serro do Frio, em sentido egual ás do Rio de Janeiro; cumpre saber-se que nenhuma intelligencia precedera a este respeito, e ainda assim o sr. José Bonifacio reluctava. Mas, o príncipe regente, instado pelos procuradores de provincia Obes e Léo, fez a installação do conselho de procuradores geraes das provincias no dia 2 de junho e conveio logo na convocação da Assembléa Geral Constituinte. Prova-se a verdade destes factos, não só pela sciencia particular que delles temos, como tambem pela representação que os referidos procuradores e José

Mariano de Azeredo Coutinho fizeram ao príncipe regente, que corre impressa, no fim da qual se lê a seguinte expressão: — *Digne-se V. A. R. ouvir o nosso requerimento; pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas.* — Comparcm-se estas palavras com a desapprovação manifesta acima pelo sr. José Bonifacio e concluir-se-á que ellas alludem ás duvidas que este Andrada punha ao acto principal da nossa Independencia, da qual depois se chamou patriarcha!!

Appareceu por fim o decreto de 3 de junho e nem ao menos foi redigido pelo sr. José Bonifacio, pois sabemos que saíu todo da penna do sr. Léo; tal era o seu desejo de fazer a independencia da patria!

Vamos ao acto de 7 de setembro, que bem pouco accrescentou ao de 3 de junho, resultado da representação do povo fluminense, em 23, contra a qual tanto se agastára o sr. José Bonifacio, como fica dito. Ainda neste acto, não apparece a intervenção do sr. Andrada; o príncipe regente soltou esse brado de Independencia, em bem longa distancia de seu ministro, na occasião de receber a noticia da guerra que lhe declaravam as côrtes de Lisboa. O padrão dessa grande obra estava já firmado no acto da convocação da Assembléa Geral Constituinte; tirar-lhe a cortina transparente que o cobria, não é fazel-o; e o que é constituir-se sinão declarar-se independente?

Fica, pois, ao sr. José Bonifacio, a parte que só lhe toca de ter sido ministro do Imperio desse tempo, e ter expedido diversas ordens a prôl da Independencia; mas dali não se dedúz que elle a fizesse, para ser chamado seu patriarcha. Os que nos argumentam com a sua referenda aos actos do governo de então, para provarem um titulo que lhe não pertence, como temos circumstanciadamente mostrado, provarão tambem que Francisco Gomes é o patriarcha do systema constitucional lusitano, só porque referendára a carta das liberdades portuguezas que daqui fóra mandada. O sr. José Bonifacio obedeceu ás circumstancias, porque não lhe era possível resistir. A opinião publica, desde 9 de janeiro (e talvez antes) até meado de setembro de 1822, não foi por elle dirigida, e sim por aquelles que elle perseguiu em 30 de outubro: e por isso mesmo que os perseguiu, segue-se que não marchava de accordo com elles, ou, mais claro, que não approvava a Independencia, que elles tão efficazmente promoveram e conseguiram, apesar dos fóros de quem hoje se arroga o titulo de seu patriarcha! Mas, o Brazil marchou bem nessa epocha e só depois das perseguições do ministerio Andrada é que uma desconfiança se introduziu nos povos e que a resistencia aos actos arbitrarios do príncipe foi tomando corpo, até regenerar-se a nossa Independencia em 7 de abril de 1831. Quererá tambem o sr. José Bonifacio ser auctor deste novo acto? Talvez; mas, a embaixada de seu irmão ao duque de Bragança (1) e os factos de sua tutoria descobertos em 15 de dezembro, bem provam quanto os Andradas prezam a gloriosa independencia da sua patria. »

(1) Antonio Carlos confessou, em discurso proferido na sessão da Camara dos deputados de 14 de julho de 1841, (publicado no *Jornal do Commercio* de 15 do mesmo mez) que foi á Europa, com incumbencia de uma sociedade politica, de convidar d. Pedro I a voltar para o Brazil. — *Nota do sr. Luiz Francisco da Veiga, auctor de um livro sobre o primeiro reinado.*

Segue-se uma das cartas de d. Pedro a d. João VI, que bem illustra um trecho do artigo do sr. Rocha Pombo, que se encontra na segunda pagina dos *Annaes*.

Comprehende-se bem que nós a publicamos porque ella nos parece a mais forte das insinuações que o príncipe fez ao seu pae em favor da Independencia.

Rio, 26 de julho de 1822.

MEU PAE E SENHOR.—Pelo bem da patria, da realza, do Brazil e do mundo inteiro, apresso-me em vos annunciar que a causa nacional, que dependia da união e da declaração da maioria das provincias do Brazil, triumphou conforme os desejos de todos aquelles que vos amam, senhor, como rei constitucional de facto e não sómente de direito como ereis antes; digo *de facto*: o direito por si só não vos constitúe tal, por não ter acção.

Recebi hoje uma deputação Pernambuco, que vão reconhecer-me regente, sem restricção alguma no poder executivo, visto que ella representava a vontade geral do povo e das tropas daquella provincia.

Vossa magestade me perdoará, sem duvida, de não entrar em maiores detalhes, mas não me posso eximir de agir desta maneira no momento em os facciosos das vossas côrtes de Lisboa cahem por não terem sabido que caminho deveriam tomar.

Desde que as circumstancias me obrigaram a convocar aqui uma Assembléa Geral, Constituinte e Legislativa, a remessa de despachos que eu vos fazia não era, da minha parte, mais do que uma simples formalidade; eu não devo de hoje em diante, mandar executar outros decretos senão os da representação brazileira. As côrtes de Lisboa nada mais valem para mim.

Hoje, senhor, acho-me, para vos fallar francamente, em tal situação que não posso conservar com vossa magestade senão relações de familia. Assim o quer o espirito publico do Brazil; não que deixemos de ser subditos de vossa magestade, que reconhecemos e reconheceremos sempre como rei, mas porque *salus populi suprema lex est*. Quero dizer que é impossível, moral e physicamente, que Portugal governe o Brazil ou o Brazil seja governado por Portugal.

Não sou um rebelde, como lhe dirão, sem duvida, os inimigos de vossa magestade. *A culpa inteira cabe ás circumstancias.*

Nós passamos maravilhosamente, eu, os dois meninos e a princeza, que está grávida de tres mezes.

Deus guarde a preciosa vida e saúde de vossa magestade, como necessitam todos os bons portuguezes e, principalmente, os brazileiros.

Sou de vossa magestade, com o mais profundo respeito,

Subdito fiel e filho muito obediente,  
Que beija a vossa real mão.

PEDRO.

## A FESTA DA MULHER

Na chronica do ultimo numero do *Kósmos*, o sr. Olavo Bilac acceita, com justo enthusiasmo, a idéa, que lhe foi lembrada em carta anonyma, de celebrar-se, entre nós, a festa da Mulher, como já se celebraram a das Arvores e a das Flôres.

A proposito escreve o operoso jornalista diversos conceitos, dos quaes destaco os seguintes, afim de, sobre elles, fazer ligeiras considerações, que a sua leitura me suggeriu.

1. «Bem fez o Positivismo, adoptando o dia 15 de agosto para a commemoração annual da «Influencia Social da Muller.»

2. «E até para os que não são crentes, essa divina figura da Virgem-Mãe, verdadeira ou irreal, tem um tão alto relevo de poesia, uma tão viva expressão de encanto e de belleza pura, que a sua festa é uma festa a que só não se associam as almas embrutecidas pelo egoismo e pela secura, pela falta de sentimento e pelo excesso de animalidade.»

3. «E, apesar de termos todo um anno deante de nós, preparemos desde já com ardor e enthusiasmo a *Festa da Mulher*, para que a 15 de agosto de 1906 possamos ver, em torno desta idéa, unidos e colligados, todos os corações e todos os espiritos!»

Por estas citações, vê-se que o brilhante chronista imagina a glorificação feminina no typo *verdadeiro* ou *irreal* da celebre judia e attribúe ao Positivismo uma simples commemoração philosophica, ao mesmo tempo que apregôa, para o anno vindouro, uma verdadeira solemnidade cultual: a *Festa da Mulher*.

Ora, a commemoração positivista realisa systematicamente o idéal agóra sonhado.

Augusto Comte instituiu, em 1854, a *Festa da Mulher*, celebrando-a pela adoração da figura idéal da Virgem-Mãe, que, de mysterio theologico, o seu genio universal transformou em utopia scientifica.

«Institúe-se o *culto abstracto da Mulher*, diz o Fundador do Positivismo, pela *festa publica da Virgem-Mãe*, que é uma idéalisação espontanea da Humanidade. Conservando o dia catholico de uma tal celebração, os verdadeiros crentes farão espontaneamente sentir aos seus irmãos atrazados a aptidão característica da religião relativa em manter e desenvolver todos os germens das crenças absolutas.» (Aug. COMTE. — *Politica Positiva*, t. IV, pags. 411-412).

Cumprindo os votos do Divino Mestre, os positivistas brazileiros celebram annualmente, no Templo da Humanidade, a *Festa da Mulher*, symbolisada, no seu aperfeiçoamento ma-



ximo, pela utopia da Virgem-Mãe, a qual foi presentida nos mythos da Antiguidade e no mysterio da Edade-Média, sob a invocação multiforme de Isis, Devanagny, Vesta ou Maria.

A solemnidade positivista é um acto religioso, embóra de uma religião sem mysterios nem absurdos. E' uma verdadeira festa. Não se trata apenas de uma conferencia philosophica sobre a *influencia social da Mulher* mas de uma cerimonia cultural, realisada num templo, entre hymnos e flôres. A' predica do apostolo se associam as manifestações estheticas, contribuindo para o esplendor do culto.

Demais, a festa é puramente humana e terrestre, liberta de qualquer vislumbre de theologia e metaphysica, sem nenhuma preocupação celeste. O que se celebra é a gloria da Mulher pela Mulher; é a sua pureza de Virgem utopicamente mantida com a sua ternura de Mãe; é a Festa do Amor, que a Mulher encarna sob todas as suas manifestações, Amor sempre humano, mesmo através das illuminuras divinas.

Assim a *Festa da Mulher*, tal como, me parece, se cogita realisar agóra, festa puramente humana e terrestre, semelhante á das Arvores e á das Flôres, é uma instituição profundamente ligada á Religião da Humanidade, e, como esta, uma criação devida ao genio de Augusto Comte.

Qualquer festejo com tal character, ainda que sem coordenação religiosa, espontaneo e empirico, como necessariamente ha de ser o que se annuncia na chronica do *Kósmos*, deve filiar-se ao culto positivista e recordar o nome do seu glorioso fundador.

Antes de terminar estas rapidas notas, convém lembrar quanto a utopia feminina é cara aos occidentaes, de origem catholica, ainda mesmo quando anarchisados por uma indisciplinada cultura scientifica ou litteraria.

O auctor da chronica não tem convicções positivistas; é até, segundo me consta, adversario de taes opiniões; no entanto, não hesita em proclamar, empirica e espontaneamente, o valor moral da concepção religiosa da Virgem-Mãe, *verdadeira* ou *irreal* e chamar — *almas embrutecidas pelo egoismo e pela seccura, pela falta de sentimento e pelo excesso de animalidade* — áquellas que se não associam á glorificação da Virgem-Mãe.

Puramente litteraria ou realmente sentida, esta opinião do poeta-chronista exprime bem quanto as concepções mais ouzadas do cerebro assombroso de Augusto Comte são empiricamente admittidas, com mais ou menos perfeição, por aquelles mesmos que muitas vezes se proclamam seus adversarios systematicos sómente para evitarem a confissão humilde de sua incompetencia em seguir a conducta

que a Fé Scientifica prescreve, e outras vezes tambem repellem os novos principios, sem lhes ter estudado as demonstrações nas obras extraordinarias do incomparavel mestre.

Festejemos a Mulher mas não esqueçamos Augusto Comte, o maior dos seus glorificadores.

Por mais alto que Ella tivesse subido na evolução social antes d'elle, ficou sempre em posição inferior aos deuses e aos homens. Si, no Catholicismo, chegou a ser venerada como a mãe de um Deus, só no Positivismo é adorada como Deusa.

REIS CARVALHO.

## O ALMIRANTE (47)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

Houve um instante de pausa. Marianinha contemplava a marquezia como se lhe não comprehendesse a exaltação, as palavras, os conceitos, tão discordantes com as maneiras de uma senhora superior.

— Eu—continuou a marquezia, em tom dolente, conchegando-se á amiga, tomando-lhe as mãos num gesto de terror, como se procurasse um abrigo no seio daquela creatura affectuosa e bôa—estou, como sabes, quasi desamparada na minha opulencia, estou solitaria no meu palacio, entre os destroços dos meus sonhos, das minhas illusões. Ah, minha amiga, tu não sabes quanto dóe ter o coração morto dentro do peito.

— Ora, minha querida comadre—retorqui Marianinha, naquelle accento carinhoso de mãe aventurada—não pense em coisas tristes. A senhora está muito nervosa: necessita distrações, passeios ao ar livre, em vez de se metter, como uma velha, dentro daquellas quatro paredes. Não ha que ver: fica sósinha e dá para pensar em politica e outras coisas desagradaveis. Deixe isso para os homens: elles governam; elles fazem as leis e as executam... Que se avenciam. Nós ficaremos na familia, soberanas no lar, que basta para nos absorver, nos preoccupar inteiramente.

— Mas eu não tenho familia.

— Espere com paciencia. Ella virá, um dia, quando menos pensar. Oscar ali está para encher o vacuo que a senhora sente no coração. De um momento para outro, elle lhe dará uma filha, depois uns netinhos formosos e... adeus politica, adeus restauração dessa dynastia que lhe tira o somno.

— Achas que Oscar será capaz de dar-me essa consolação?

— Creio que já está passando o tempo de tomar uma resolução.

— Oscar é um homem frio, sem impulsos vehementes, sem enthusiasmo; é um descrente, que se resigna a tudo para não resistir, para não luctar... Agóra, está completamente dominado pelos trabalhos da secretaria: trabalha sem cessar como se estivesse ao serviço de uma causa legitima, como se não estivesse ao serviço dos usurpadores... Está contaminado pela influencia esmagadora do que elle chama os factos consumados.

— Que remedio tinha elle senão se submeter como os outros, como toda a gente?...

— Oscar é, para mim, quasi uma desillusão.

— Porque? Elle é tão seu amigo, tão affectuoso?

A marquezia inspeccionou com o olhar todos os angulos da sala de jantar e murmurou quasi ao ouvido de Marianinha:

— Não sabes que elle tem uma amante?

— Uma amante?...

— Dolores.

Marianinha agitou a cabeça num gesto de duvida e sorriu.

— Dolores ama-o—continuou a marquezia, num crescendo de vehemencia— Isto explica as maneiras frias, indifferentes de Oscar. Esse amor criminoso empolgou-lhe o coração e o priva, numa conquista progressiva, dos outros affectos.

— Penso que se eugana. Oscar foi sempre assim; nunca foi homem de movimentos violentos. Demais, Dolores poderá ter muitos defeitos, mas seria incapaz...

— Uma mulher apaixonada é capaz de tudo. Dolores é uma ambiciosa sob aquella apparencia de futilidade. Não sabes que está mettida entre os homens do governo, que é uma figura necessaria nas altas rodas, que não hesita deante das maiores abominações para chegar aos seus fins, vida facil, notoriedade, luxo?...

— Está muito prevenida contra a pobre Dolores.

— Prevenida eu? Acolhi-a sempre com sympathia, com carinho, porque, apezar de lhe reconhecer os defeitos, aquelle demonio seductor me encantava, me proporcionava momentos de alegria, distraía-me... Agóra que me denunciaram as suas relações com Oscar, comprehendí que não posso mais atural-a...

— Ah! anda intriga, alguma calumnia envenenando apparencias innocentes, ou destituidas de importancia. Que pretende fazer?

— Em? A primeira vez que ella ousar ir a minha casa, expulso-a como indigna.

— Acho que se não deve precipitar. Espere, observe, convença-se com provas evidentes da verdade e, então, proceda como entender.

—Ainda ha pouco, tive impeto de falar francamente a Oscar, mas não tive coragem de me certificar da verdade.

—Fez bem. Observe primeiro, certifique-se para tomar um partido decisivo. Eu, para falar verdade, acho Oscar incapaz. Sim, não me entra na cabeça que elle seja homem para dar esse passo tão errado; elle que, todo o mundo sabe, ama Amelia.

—Se a ama, como eu tambem pensava, porque não se casa com ella? O que impede esse enlace, que seria uma coisa natural, esperada, prevista por todos os nossos intimos? Deve forçosamente haver um obstaculo; uma mulher se interpoz entre elles e essa mulher. essa mulher é Dolores.

—Para mim, a culpada é Amelia, com o seu demasiado amor proprio, com a sua desconfiança de não ser querida, adorada como ella deseja. Considere, minha querida comadre, que nada ha que prejudique mais a uma moça do que o excessivo orgulho, em que ella se encerra, erguendo uma barreira que priva o coração do accesso dos affectos sinceros, espontaneos. Amelia está nessas condições: é fria, quasi aspera, para com todos. Isto explica o que attribue á intervenção de outra mulher.

—Se assim fôsse — murmurou a marquezia, meditando, como se as palavras da amiga lhe fôsem ao coração como um balsamo consolador — Não imaginas Marianinha como me fazem bem as tuas palavras, como desejo persuadir-me de que tens razão...

—Observe com calma e verá que tenho. Verificará que Dolores é uma leviana, uma mulher voluvel, que se não importa de parecer o que não é, justificando o que se diz della. E a prova é que lhe imputam, tambem, muita intimidade com o Souza e Mello.

A marquezia sorriu.

—Entretanto, todas nós—continuou Marianinha—sabemos que nada ha de culposo entre elle, um velho casquillo que não pensa mais em maldade, e ella, que se compraz em fazer-lhe negações, provocal-o, irrital-o. E não passa disso: brigam, fazem as pazes e nos divertem.

O Martins mudára o traje de trabalhador do jardim, do pomar, e entrou na sala de jantar, acompanhado pelos filhos.

—Desculpe-me vossa excellencia, minha comadre, se me demorei. Eu não estava em condições de receber visitas.

—Veja como são bonitas — disse Guilé, a afilhada da marquezia, entregando-lhe um ramo de flôres.

—São realmente bellas essas rosas —aparteou Martins—A Guilé pediu—mas, para a Dindinha.

—Magnificas — disse a marquezia,

aspirando, num grande hausto, o capitoso perfume das rosas opulentas.

—Ahi tem algumas *Principe negro*, *Marechal Niel* e algumas *Belle France*. Não imagina o trabalhão que ellas me dão.

—Já fui apaixonada cultora de rosas...

—Estas são tiradas da sua chacara.

—E as orchidéas?...

—Dessas então — atalhou Marianinha—nem é bom falar; são a mania deste senhor. Chego a ter ciúmes dellas.

—Mania innocente, não é, compadre?

—Deixe-a falar, comadre—observou Martins, sorrindo—As flôres e os filhos são os meios de me manter perto da Marianna o maior tempo possivel e ella estima esses seus cúmplices.

Marianinha sorriu e perguntou á marquezia:

—Almoça comnosco, não é? Ha tanto tempo, não tenho esse prazer.

—Sim, ficarei contigo. Tenho um negocio com o compadre.

—Estou ás suas ordens.

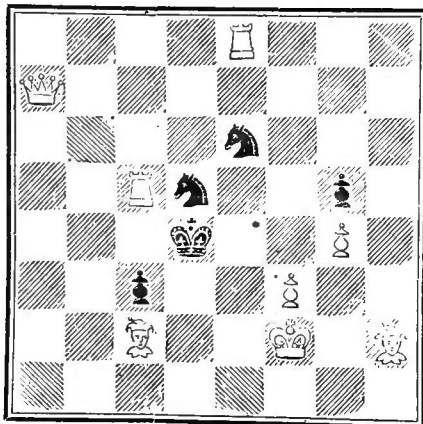
(Continúa).

## XADREZ

### PROBLEMA N. 17

M. N. Terestchenko

PRETAS (5)



BRANCAS (8)

Mate em dois lances.

### PARTIDA N.º 17

GAMBITO RICE

Branças	Pretas
(B. Malioutine)	(B. Koialovitch)
P 4 R — 1 —	P 4 R
P 4 B R — 2 —	P × P
C 3 B R — 3 —	P 4 C R
P 4 T R — 4 —	P 5 C R
C 5 R — 5 —	C 3 B R
B 4 B D — 6 —	P 4 D
P × P — 7 —	B 3 D
Roque — 8 —	B × C
T 1 R — 9 —	D 2 R
P 3 B D — 10 —	P 6 C R (b)
P 4 D — 11 —	C 5 C R
C 2 D — 12 —	C 6 R
D 5 T R — 13 —	B 3 D
C 1 B R — 14 —	Roque
C × C (c) — 15 —	P × C
B × P (d) — 16 —	D 5 R (e)
B 5 C R (f) — 17 —	D 5 C R (g)
D 6 T R — 18 —	D 4 B R (h)
P 5 T R — 19 —	P 3 B R (i)
T 7 R (j) — 20 —	B × T (k)
P 6 D x d — 21 —	B 3 R

P × B — 22 —	T 1 R (l)
B × P (m) — 23 —	T × P
B × B x (n) — 24 —	D × B R
D 5 C R x — 25 —	R 1 B (o)
B × T x — 26 —	R 1 R (p)
D × P — 27 —	abandonam

(a) O gambito Rice é moderno e tem dado logar a numerosas e brilhantes luctas. Todos os grandes jogadores europeus téem lhe dedicado *matches* para o estudo das suas complicadas variantes e o seu inventor, o prof. Isaac L. Rice, millionario e generoso, o Mecenas do xadrez, tem organizado varios torneios a premio, onde só esse gambito se joga. Até agóra não se pôde assegurar de um modo seguro a quem dá elle a supremacia. Elle se caracteriza pelo abandono do C R no 8.º lance. Esta partida foi jogada a 21 de maio do corrente anno na reunião enxadrística de S. Petersburgo. Depois do torneio jogado em S. Petersburgo sobre esse gambito, Koialovitch formulou a opinião de que a defesa preconizada pelo dr. L. Cohn 10... P 6 C R devia ganhar ás pretas e Malioutine, sendo de parecer contrario, jogaram os dois uma série de quatro partidas sobre este ponto theorico. Esta é a primeira partida da série, que, como se vê, é brilhante e complicada. As notas seguintes são de Malioutine.

(b) Lance com o qual Koialovitch ganhou, no torneio Rice de S. Petersburgo, 6 partidas sobre 7.

(c) Talvez 15 — B × C, P × B; 16 — T × P, etc. fôsse melhor.

(d) Não havia nenhuma vantagem em jogar 16 — T × P; as Pr. responderiam ... D 3 B R; 17 — B 3 D, D 2 C R; 18 — T 3 B R, P 4 B R e o ataque cessaria.

(e) Este lance destróe o ataque; qualquer outro daria a victoria ás Br.

(f) A 17 — B 6 T R, as Pr. responderiam simplesmente D 3 C R, sacrificando a qualidade.

(g) Um grave erro que custa a partida. As Pr. tinham aqui duas outras continuções D 3 C R e B 5 C R; a segunda, por 18 — D × P B x, offercia ás Br. algumas probabilidades, mas a primeira dava ás Pr. uma vantagem decisiva: 17... D 3 C R; 18 — D 1 D, P 3 B R; 19 — B 3 D, D 2 C R, etc.

(h) Ameaçando a troca das D. por D 3 C R; todavia as Br. téem agóra tempo de evitar.

(i) Não parece que a partida possa ainda ser salva. Se 19... C 2 D; 20 — T 1 B R, D 5 C R; 21 — T D 1 R, P 3 B R; 22 — T 7 R, etc.

(j) A combinação deste lance e dos seguintes assegura o ganho da partida.

(k) Não era melhor jogar: 20... T 2 B R; 21 — T 8 R x, T 1 B R; (se 21... B 1 B R; 22 — P 6 D, B 3 R, 23 — T 1 B R, etc.) — 22 — B × P, D × B; (se 22... D 5 C R; 23 — B 3 D) 23 — D × D, T × T; 24 — T 1 B R, etc.

(l) Era provalmente preferivel jogar 22... C 2 D, mas as Br. tinham do mesmo modo um forte ataque: 22... C 2 D; 23 — P × T (f D.) x, T × D; 24 — T 1 B R, D 5 C R; (se 24... D × B; 25 — B × B x, R 1 T; 26 — D × D, P × D; 27 — B × C e ganham) 25 — B 3 D, T 2 B R; 26 — B × P B etc.

(m) Inferior seria: 23 — T 1 B R por causa de 23... B × B! (se 23 D × B; 24 — B × B x, R 1 T; 25 — D 8 B R x e ganham) 24 — T × D, T × P; 25 — B 2 D, C 2 D, etc.

(n) Evidentemente se 24 — B × T, então B × B.

(o) Se 25... R 2 B; 26 — B × T, D × B; 27 — T 1 B R x, R 1 R; 28 — D 8 C R x, R 2 D; 29 — T 7 B R e ganhariam a D.

(p) Se 26... D × B; 27 — T 1 B R x, como na nota precedente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 16 (*Em. Pradignat*): 1 — C 4 B D, *ad libitum*; 2 — D, C mate.

JOSÉ GETULIO.